

**UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU – FURB  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**VALDENIR IOTTI**

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE DANÇAS TRADICIONAIS GAÚCHAS**

**BLUMENAU**

**2014**

**VALDENIR IOTTI**

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE DANÇAS TRADICIONAIS GAÚCHAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, da Universidade Regional de Blumenau – FURB.

Orientador: Dr. Celso Kraemer

BLUMENAU

2014

**VALDENIR IOTTI**

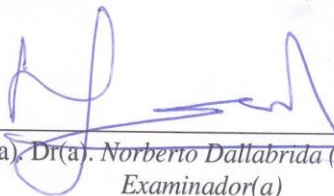
**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE DANÇA TRADICIONAL GAÚCHA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no PPGE/ME - Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação na Universidade Regional de Blumenau - FURB, pela comissão formada pelos professores:



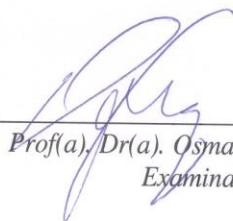
---

*Prof(a). Dr(a). Celso Kraemer (FURB)  
Orientador(a)*



---

*Prof(a). Dr(a). Norberto Dallabrida (UNDESC)  
Examinador(a)*



---

*Prof(a). Dr(a). Osmar de Souza (FURB)  
Examinador(a)*

Blumenau, 22 de agosto de 2014.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este Trabalho aos meus Pais, pessoas pelas quais sei que sempre estão ao meu lado e acreditando nas investidas, mesmo quando essas possam não aparecer tão normais. As minhas irmãs que estiveram presente durante todo esse tempo, mesmo sendo através de promessas. Aos grandes colegas e amigos do Centro de Tradição Gaúcha, me volto aqui à patronagem do centro, pela colaboração na geração dos dados para análise da pesquisa. Aos colegas professores que procuram estar sempre em aperfeiçoando e extremamente dedicados e comprometidos com seus alunos, incluo aqui os colegas do Instituto Federal do Paraná – IFPR, que tiveram por muitas vezes auxiliar-me para que pudesse estar presente nas disciplinas do mestrado e por fim aos meus acadêmicos do curso de Licenciatura em Artes do Instituto Federal do Paraná.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela oportunidade de concretização de mais uma etapa.

A professora Doutora Senhora Neide Aguiar de Melo e Silva, pelo comprometimento demonstrado e iniciação a Teoria das Representações Sociais, e ao Professor Dr. Celso Kramer, amigo e orientador, que de forma singular demonstra com ações singelas o quanto é humilde, demonstrando toda a sua inteligência e discernimento ao longo da pesquisa.

*“Aqui me pargo a pensar, o que há pouco ouvi dizer, que é necessário aprender para depois ensinar. Pois por mais rudimentar que seja o ensinamento, cada passo é como o tento que precisa ser lonquiado e depois desquinado, para transar um sentimento”.*

(Luiz Marengo, 2012).

## RESUMO

A cultura gaúcha, disseminada principalmente no sul do Brasil, é expressão de um contexto sociocultural da região sulina, marcada por forte influência dos imigrantes que ocuparam o território. Com características singulares, a cultura gaúcha se diferencia das demais culturas brasileiras, encontrada em outras regiões do Brasil. Sua maneira de atuar permite vivenciar e atualizar valores que referencia a tradição. A pesquisa tem como objetivo compreender as representações sociais de dança para um grupo de pessoas que participam do festival de danças tradicionais gaúchas do estado do Paraná, pelo CTG Recordando os Pagos de Francisco Beltrão. Ao pensar o CTG (Centro de Tradições Gaúchas) como um espaço que promove a educação não-formal, essencial para a formação do sujeito na cultura gaúcha, com saberes e valores que não se aprendem na vivência escolar, a presente pesquisa justifica-se no mestrado em educação, pois aborda um tema de educação. Há a necessidade de identificar as representações sociais que são ancoradas nos valores propostos nas práticas das danças tradicionais, conseqüentemente relacionar a cultura gaúcha com a linguagem das danças tradicionais, contemplando a educação não formal que ocorre entre os sujeitos. Para tanto a pesquisa se deu entre os meses de outubro e novembro do ano de 2013, com a contribuição de 14 dos 24 dançarinos do Centro de Tradição Gaúcha Recordando os Pagos. Após feita a geração dos dados, realizou-se uma análise por meio dos dois métodos apresentados pela Representação Social, que é apresentada na abordagem processual e estrutural, constatando a representação dos dançarinos no que se refere a Dança Tradicional Gaúcha. Podemos destacar, a relação de sentimento apresentado pelos dançarinos e a relação dança competição que fica evidente nas análises.

**Palavras-chave:** Cultura. Saberes. Valores. Representação Social. Cultura Gaúcha.

## ABSTRACT

The gaucho culture, widespread mainly in southern Brazil, is an expression of a social and cultural context of the southern region, marked by the strong influence of immigrants who occupied the territory. With unique features, the gaucho culture differs from other Brazilian crops found in other regions of Brazil. His way of acting experience and enables update values that references the tradition. The research aims to understand the social representations of dance for a group of people attending the festival in traditional gaucho dances from the state of Paraná, the CTG Recalling Paid Francis Beltran. When thinking CTG (Center Traditions Gaúchas) as a space that promotes non-formal education, which is essential for the formation of the subject in the gaucho culture, with knowledge and values that are not learned in school life, the present research is warranted in master's degree in education as it addresses an issue of education. There is a need to identify the social representations that are anchored in the values proposed in the practices of traditional dances, consequently relate the gaucho culture in the language of traditional dances, contemplating the non-formal education that occurs between subjects. For both research took place between the months of October and November 2013, with the contribution of 14 of the 24 dancers Center Gaucho Tradition Recalling Paid. Made after the generation of the data, we performed an analysis using two methods presented by the Social Representation, which is presented in the procedural and structural approach, noting the depiction of dancers in relation to Traditional Gaucho Dance. We can emphasize the relation of feeling displayed by the dancers and the dance competition relationship is evident in the analyzes.

**Keywords:** Culture. Knowledge. Values. Social Representation. Gaucho Culture.



## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

<b>Figura 01</b> – Gaúcho vestindo chiripá farroupilha .....	39
<b>Figura 02</b> – Gaúcho vestindo botas fortes .....	41
<b>Figura 03</b> – Fachada do Centro de Tradição Gaúcha Recordando os Pagos .....	45
<b>Figura 04</b> – Invernada de Dança Mirim CTG Recordando os Pagos.....	46
<b>Figura 05</b> – Invernada de Dança Juvenil do CTG Recordando os Pagos .....	47
<b>Figura 06</b> – Invernada de Dança Adulta do CTG Recordando os Pagos .....	47
<b>Figura 07</b> – Invernada de Dança Veterana do CTG Recordando os Pagos .....	48
<b>Figura 08</b> – Invernada de Dança Xirú do CTG Recordando os Pagos .....	48

## LISTA DE TABELAS E QUADRO

<b>Tabela 01</b> – Palavras apresentadas pelos entrevistados sobre os sentidos de dança gaúcha, com a finalidade de identificação do núcleo Central e elementos periféricos da representação social da Dança Tradicional Gaúcha.....	64
<b>Tabela 02</b> – Palavras chave para a identificação do núcleo Central e os elementos periféricos da Representação Social da Dança Tradicional Gaúcha por parte dos membros do grupo de dança artística adulta (2013) do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR. ....	65
<b>Tabela 03</b> – Tempo em anos que os participantes do grupo de dança artística adulta (2013) do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR exerce a prática da dança tradicional, independente da instituição.....	68
<b>Tabela 04</b> – Tempo em anos que os participantes do grupo de dança artística adulta (2013) do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR exerce a prática da dança tradicional, na instituição. ....	69
<b>Tabela 05</b> – Quais são os elementos que representam a cultura gaúcha para os integrantes do grupo de dança artística adulta (2013) do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR. ....	70
<b>Tabela 06</b> – O que faz os integrantes do grupo de dança artística adulta (2013) do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR, se sentirem parte da cultura gaúcha? .....	72
<b>Tabela 07</b> – O que os integrantes do grupo de dança artística adulta (2013) do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR, vem buscar neste grupo de dança tradicional gaúcha? .....	73
<b>Tabela 08</b> – O que motiva os integrantes do grupo de dança artística adulta (2013) do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR, a participar neste grupo de dança tradicional gaúcha? .....	75
<b>Tabela 09</b> – O que motiva você a participar do CTG grupo de dança .....	76
<b>Tabela 10</b> – Sua opinião sobre o grupo de dança modificou-se desde que entrou até agora .....	77
<b>Tabela 11</b> – Qual é a importância (valor social, cultural e ético) da dança tradicional .....	80
<b>Quadro 01</b> – Quadro de danças tradicionais gaúcha .....	59

## LISTA DE ABREVIATURAS E SÍGLAS

CTG	Centro de Tradição Gaúcha
ENART	Encontro de Arte e Tradição
FEGAMS	Festival Sul Mato-grossense de Folclore e Tradição
FEPART	Festival Paranaense de Arte e Tradição
FESCATCHE	Festival Cascavelense de Arte e Tradição
FURB	Universidade Regional de Blumenau
IFPR	Instituto Federal do Paraná
MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcho
RBSTV	Rede Brasil Sul de Televisão
RS	Rio Grande do Sul
RS	Representações Sociais

## SUMÁRIO

<b>ENTRADA DE PALCO.....</b>	<b>12</b>
1.1 INTRODUÇÃO.....	12
1.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL.....	18
1.3 EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL.....	32
<b>2 O DESENVOLVER DO VALSEIO.....</b>	<b>37</b>
2.1 O GAÚCHO NO BRASILEIRO.....	37
2.2 OS CENTROS DE TRADIÇÕES GAÚCHA CTG'S.....	42
2.3 TRADIÇÃO E FOLCLORE.....	49
2.4 DANÇAS TRADICIONAIS GAÚCHAS.....	56
<b>3 O SENTIDO DO BAILADO.....</b>	<b>61</b>
3.1 ABORDAGEM ESTRUTURAL.....	63
3.2 ABORDAGEM PROCESSUAL.....	67
3.2.1 A ancoragem.....	81
3.2.2 A objetivação.....	83
<b>4 SAÍDA DE PALCO.....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>90</b>

## 1 ENTRADA DE PALCO

### 1.1 INTRODUÇÃO

A cultura gaúcha, disseminada principalmente no sul do Brasil, é expressão de um contexto sócio-cultural da região, marcada por forte influência dos imigrantes Alemães, Italianos, Açorianos, entre outros, que ocuparam o território. Com características singulares, a cultura gaúcha se diferencia das demais culturas brasileiras. Sua maneira de atuar permite vivenciar e atualizar valores que referenciam a tradição.

Nesse conjunto de ações e atividades artísticas e culturais, o que chama a atenção, em especial, são as danças tradicionais. Desde jovem comecei a participar das danças tradicionais gaúchas, no grupo de danças do Centro de Tradições Gaúchas no Paraná. Com isso, na hora de escolher a formação inicial, optei<sup>1</sup> pela Graduação em Artes. Na minha região não tive condições de cursar, indo, então, para Uberaba, Minas Gerais. Nesse curso, embora fosse em Educação Artística, com concentração em Artes Visuais, ele veio a desenvolver conceitos e técnicas que permeiam o campo das artes cênicas. Nesse domínio, a dança foi o que mais me atraiu, cultivando meu gosto, que continua até hoje.

Junto com a graduação iniciou-se a docência no ensino Fundamental e Médio, na disciplina de Artes, na rede estadual de Ensino do Estado do Paraná. Após a conclusão da graduação, já como professor concursado da rede, busquei a pós-graduação em Arte Educação, a fim de aprimorar os conhecimentos e metodologias de ensino. Minha decisão coincidiu com a abertura do Curso de Artes Visuais na Faculdade Vizinhança Vale do Iguaçu (VIZIVALI), em Dois Vizinhos, Paraná. Com a pós-graduação, fui convidado e iniciei a atividade de docência no Ensino Superior, nesta mesma Instituição, logo convidado a Coordenar o Curso de Artes, permanecendo por três anos no cargo. Além da coordenação, ministrava aulas no referido curso, além do curso de Pedagogia da mesma instituição.

Como as atividades artísticas sempre tiveram influência sobre mim, passei a ter participação em cursos e eventos como artista performático, ator, bailarino, instrutor e participante, em diferentes expressões artísticas, tais como a Fanfarra

---

<sup>1</sup> Nesta parte do texto, por tratar de aspectos da vida pessoal, buscando evidenciar nela razões pela escolha deste tema, usa-se a primeira pessoa do singular.

Municipal de Cruzeiro do Iguaçu, bailarino e posteiro de Centros de Tradições Gaúchas no Rio Grande do Sul e Paraná.

A cultura gaúcha e suas expressões sempre exerceram influência em minha vivência e percepção acadêmica. Isso se evidencia no Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Educação Artística, cujo tema foi “Tradição gaúcha: A cultura de um povo retratada em sua indumentária”, orientado pelo professor Yarnel Campos.

A vivência do tema e sua relação com a história e cultura do sul do país foram os motivadores para buscar a linha de Educação, Cultura e Dinâmicas Sociais no programa de mestrado em educação na Universidade Regional de Blumenau – FURB.

As leituras indicam que a cultura gaúcha está difundida em várias regiões do Brasil, embora com maior evidência na região Sul, com maior destaque para o Rio Grande do Sul, intitulada de Gauchismo. Esta cultura é rica em linguagens, ações e costumes, vivenciado por todos que se entende neste grupo social. Na maioria dos casos, o discurso que justifica o gauchismo parte do princípio de resgatar e vivenciar os valores morais, por meio das representações sociais, para promover a educação do determinado grupo. Para essa finalidade, desenvolveu-se trajes e danças, classificadas como tradicionais pelo fato de serem transmitidas entre gerações, numa tentativa de consolidar a cultura gaúcha, pensando em sua riqueza e significado para o povo ligado a ela.

Além das motivações já citadas acima, saliento que danço desde os oito anos de idade, sendo influenciado pelo pai a estar executando passos de chula, entre outros. Com o contato desde cedo, acaba se formando uma ligação de afetividade com a dança e a execução dos passos coreográficos. Essa introdução à dança tradicional se dá pelo Centro de Tradição Gaúcha Pagos do Iguaçu, de Nova Prata do Iguaçu – Paraná.

Aos quatorze anos, após um convite feito pela Patronagem do Centro de Tradições Gaúchas Recordando os Pagos de Francisco Beltrão - Paraná, participei, no decorrer do ano de 1998, do elenco de dança juvenil. O grupo conquistou o primeiro lugar no Festival Cascavelense de Arte e Tradição - FESCATCHE.

Após essa vivência, com a dança tradicional no estado do Paraná, decidi aperfeiçoar a prática da dança. Havia a necessidade de busca-la no estado do Rio Grande do Sul, entendendo que, neste estado, a dança tradicional gaúcha está

enraizada na vivência social.

Assim, no ano de 1999, iniciei as atividades artísticas no Centro de Tradições Gaúchas Heróis Farroupilha, da cidade de Caxias do Sul – Rio Grande do Sul. Dançando pela categoria adulta, tendo a oportunidade de buscar, junto ao grupo, uma vaga para dançar o festival intitulado de ENART - Encontro de Arte e Tradição, do Rio Grande do Sul. Porém, não houve a concretização do mesmo por ter que retornar ao Paraná no mesmo ano.

Em 2004 dei início à minha carreira acadêmica, com a entrada no curso de Licenciatura em Artes Visuais pelo Centro de Ensino Superior de Uberaba – Minas Gerais, abandonando assim a prática da dança. Contudo, ainda fascinado pela dança tradicional gaúcha. O retorno à dança se dá no ano de 2011, quando mudei de cidade, saí de Nova Prata do Iguazu e fui morar em Francisco Beltrão. Isso possibilitou meu retorno ao grupo de dança, agora na categoria adulta, do CTG Recordando os Pagos. Desde lá continuo com o grupo, participando do Festival Paranaense de Arte e Tradição – FEPART, conquistando, pelo segundo ano, o título de vice-campeão.

Por assumir a atividade de docente, e por estar intimamente ligado aos campos das artes, incluo aqui principalmente a dança. A participação ativa no grupo de dança dá subsídio para abrir uma discussão com os alunos da rede pública de ensino do estado do Paraná, sobre a própria linguagem das artes e da dança. Isso permite estabelecer os vínculos entre o processo educacional e a dança como um caminho para que essa relação de conhecimento ocorra.

Atualmente, além de assumir aulas no ensino fundamental e médio, ingressei, por meio de concurso público, no Instituto Federal do Paraná – IFPR, Campus Palmas, para o curso de Licenciatura em Artes, assumindo como docente titular da disciplina de dança.

A responsabilidade em instruir futuros profissionais na área faz compreender a importância da experiência obtida no decorrer destes anos, na própria formação do docente em dança. Permite também pensar a dança em um contexto estético, com informação capaz de agregar ao dançarino e ao espectador, e não simplesmente na execução de passos coreografados.

Esse conceito estético, encontramos nas danças tradicionais gaúchas. Se pensarmos na organização dos passos coreográficos de uma das várias danças registradas no manual de danças tradicionais de Cortez e Lessa (2012),

encontramos uma intencionalidade na construção do movimento. Mesmo entendendo que a execução da dança hoje seja uma manifestação artística de inspiração folclórica, como classifica Golin (2004), sabemos que em algum momento, em uma estância, talvez em baixo de uma árvore, teve um grupo social que as executavam com o intuito simplesmente de divertir-se.

Assim, nesta pesquisa, importa compreender os valores que permeiam a dança tradicional gaúcha, em sua evolução histórica, bem como as representações sociais dos sujeitos que dela participam. Compreender esses valores, sua representação social e evidenciar a importância para a formação do sujeito pertencente ao grupo, nos instiga a pesquisar o tema: Dança Tradicional Gaúcha: sistemas de referências e valores socialmente construídos.

Buscando trabalhos acadêmicos sobre o tema, utilizamos como palavras-chave: Representação Social, dança tradicional gaúcha e educação não-formal.

Em um levantamento realizado em dois sítios de pesquisas acadêmicas, (*Scielo* e Google acadêmico) não foram encontradas pesquisas sobre danças tradicionais e educação não-formal. Contudo, a dissertação de Daniela Varoto (2005) *Fisicidade e imaginação: a construção do corpo-mente orgânico do ator*, aborda as danças tradicionais gaúchas na linguagem do teatro, com o intuito de buscar desenvolver uma técnica teatral. No entanto, a autora não discute representações sociais ou aprofunda uma discussão sobre tradição ou danças tradicionais gaúchas, tampouco discute educação não-formal ou sistemas de referências e valores.

No propósito desta pesquisa estabelece-se uma relação entre a dança e a educação. A educação é requisito fundamental, baseada no direito constitucional, que possibilita ao indivíduo acesso ao conjunto de bens e serviços sociais. Atualmente, a educação pública e gratuita está voltada para a educação formal (ensino escolar) com delimitações fixas ao “saber”, que prioriza e estabelece “grupos” educacionais, regulamentados pela hierarquização e formalização do conhecimento, muitas vezes, restritivas.

Quando nos referimos à educação, devemos levar em conta que ela não se limita à educação promovida nas escolas, pois existem diferentes dimensões desse complexo processo, conforme Gohn (1999, *apud* FALCÃO, 2009): “formal”, “informal” e “não-formal”, mesma linha apresentada por Bianconi e Caruso (2005), fazendo-se necessário distinguir e demarcar as diferenças entre os conceitos.

Gohn (2006), em sua abordagem mais recente sobre o mesmo tema,



estabelece-se tais diferenças com base na demarcação de seus campos de desenvolvimento: a “educação formal” caracterizada pelas escolas (com conteúdos previamente demarcados, hierarquia), na qual o professor é o agente de transformação, visa à formação do indivíduo como um cidadão ativo, através do desenvolvimento de habilidades e competências específicas, previamente estabelecidas, utiliza métodos formais e avalia sistematicamente o desempenho dos estudantes. A “educação não-formal”, que ocorre em espaços educativos informais, através do processo interativo intencional, que variam de acordo com a trajetória de cada grupo, do compartilhamento de experiências (espaços e ações cotidianas), propiciado pelo contato com o “outro”. A priori, estas experiências se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo, voltado aos interesses e às necessidades do sujeito, de uma instituição, de uma empresa ou grupo formalmente assumido. Já a “educação informal” é o modo de educação no qual a transmissão do conhecimento ocorre durante todo o período de socialização (família, bairro, clube, amigos, meios de comunicação em massa, etc.), carregada de valores, culturas de pertencimento e sentimentos herdados, demarcados por referências (nacionalidade, idade, localidade, sexo, etnia, etc.), com o intuito de socializar os indivíduos, desenvolvendo hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança.

A presente pesquisa desenvolve-se no campo da educação não-formal, por pesquisar uma prática de educação em espaços educativos informais: os centros de tradições gauchas (CTG). Neste espaço se desenvolvem cursos e treinamentos de dança tradicional gaúcha. Conforme João Carlos Paixão Cortes, pesquisador e folclorista gaúcho, em uma de suas entrevistas para a RBSTV de Caxias do Sul, “a dança é um dos principais divulgadores da cultura gaúcha”.

Ao pensar o CTG (Centro de tradições gauchas) como um espaço que promove a educação não-formal, no qual se desenvolvem saberes e valores dos quais o mesmo não se apropria em sua vivência escolar. A presente pesquisa justifica-se em educação, buscando os sentidos dados pela representação social à dança tradicional gaúcha, buscando compreender os motivos que levam as pessoas a frequentar os CTG's, e os ensaios de dança.

Os frequentadores dos CTG's formam grupos que buscam executar as danças tradicionais com todos os movimentos extremamente corretos, tais como

estão descritos nos manuais de danças tradicionais. O principal objetivo destes grupos é o bom resultado nos festivais de arte e tradição gaúcha que estão espalhados em todos os estados, a exemplo do ENART (Encontro de Arte e Tradição Gaúcha), do FEPART (Festival Paranaense de Arte e Tradição Gaúcha), do FEGAMS (Festival Sul Mato-grossense de Folclore e Tradição Gaúcha), entre outros.

Ao pensar na lógica de organização dos grupos, as pesquisas que eles mesmos realizam para preparar suas danças, o desempenho e as alegorias do grupo, tendo em vista sua eficiência na competição dos festivais, resta um questionamento sobre as reais motivações do grupo para a dança. O que os motiva em primeiro lugar é o gosto pela tradição gaúcha, os valores e simbolismos dessa cultura ou é a parte técnica da competição, tratando-se mais de uma disputa do que de uma confraternização? Com base nesta questão, a presente pesquisa coloca-se a seguinte pergunta de pesquisa: quais referências (valores, modelos, hábitos, gestos, gostos) estão presentes na representação social de dança dos sujeitos que frequentam o grupo de dança tradicional gaúcha do CTG Recordando os Pagos, de Francisco Beltrão, no Paraná?

A partir desta questão, a pesquisa tem como objetivo compreender as representações sociais de dança para um grupo de pessoas que participa do festival de danças tradicionais gaúchas do estado do Paraná, pelo CTG Recordando os Pagos. Para dar conta do objetivo geral, definiu-se como objetivos específicos: a) Conceituar a teoria e o método das representações sociais; b) identificar as danças tradicionais, o folclore, a representação artística e as tradições gaúchas; c) analisar as representações sociais de dança dos sujeitos da pesquisa; d) discutir a educação não-formal no processo de dança do grupo de CTG Recordando os Pagos.

A pesquisa se fundamenta na teoria e no método das representações sociais, valendo-se da abordagem estrutural, com a qual busca encontrar o núcleo central e os elementos periféricos da representação social do grupo social definido para a pesquisa. Também será utilizada a abordagem processual, identificando a ancoragem e a objetivação dos valores e sentidos da dança tradicional gaúcha, a partir do conceito do universo consensual, com o qual abordará as crenças vivenciadas pelo grupo social pesquisado.

Os dados da pesquisa foram gerados através de dois instrumentos. O primeiro instrumento consistiu-se por um comando que solicitou aos sujeitos

participantes da pesquisa que escrevessem cinco palavras significativas de danças tradicionais gaúchas; também foi solicitado que circulassem a palavra mais significativa na representação de dança tradicional gaúcha para eles, dentre as cinco palavras que haviam escrito. O segundo instrumento constitui-se por um questionário, com perguntas abertas, respondidas pelos sujeitos da pesquisa. O primeiro instrumento serve para analisar a representação social de dança a partir da abordagem estrutural. O segundo instrumento serve para analisar a representação social de dança a partir da abordagem processual, segundo a teoria e o método das Representações Sociais (RS). Cada uma destas abordagens servirá para proceder a análise de dados mediante a teoria da representação social.

## 1.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Para compreender o homem como sujeito que pertence a uma sociedade, formada por grupos em que se organizam de forma a compartilhar ações em comum, uma das possibilidades é conhecermos as representações sociais que caracteriza um determinado grupo. A teoria das **representações sociais** estuda os fenômenos sociais de sujeitos ou um grupo. A representação social é, por sua vez, um conhecimento que transita entre os sujeitos, no universo consensual. As representações são construídas e compartilhadas no grupo, com a participação do sujeito. Elas se constituem em modos próprios de conhecimento no grupo, orientando a conduta dos componentes e definindo suas escolhas e preferências.

As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que tem como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepção, que reproduzam o mundo de uma forma significativa. (MOSCOVICI, 2004, p. 46).

Uma representação é modificada quando novos elementos são incorporados a ela de modo a romper com questões nucleares ou rígidas em sua constituição. As representações sociais foram pensadas e pesquisadas por Serge Moscovici, a partir de 1961, dando-lhe um caráter psicológico social, pensando eminentemente o princípio psicossociológico. Assim, Moscovici, em sua teoria, reúne noções de origem sociológica (que envolve a cultura), e de origem psicológica. As

representações sociais são um suporte indispensável para a compreensão da realidade social, realidade que se constrói a partir do conhecimento cotidiano e do conhecimento científico, universo reificado.

Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum. (MOSCOVICI, 1981, p. 181).

Esse processo de produção de conhecimento, que se constitui onde se encontra a interação entre pessoas, tem como ponto de partida as vivências coletivas, socialmente construídas. O significado da experiência se encontra no grupo ao qual a pessoa pertence. É a partir de uma análise do grupo que se pode compreender o comportamento e os modos de atribuir valor ou de sentir medo de um sujeito. Nesse sentido, representação social, que é a estrutura do pensamento socialmente construído e compartilhado. Segundo Moscovici (2004, p. 9) “[...] emergem do encontro e interação do sujeito (eu) com o sujeito (outro) a partir do coletivo pensando em grupo”.

O pensamento no grupo, pelo compartilhamento de ações, ideias, agindo de forma a constituir uma tríade formadora do conhecimento empírico. Essa tríade constitui a sociedade propriamente dita, constituída, ela mesma, pelo sujeito, pelo grupo e pelas representações. Assim as ações do sujeito fazem com que ele seja pertencente ao grupo, havendo o compartilhamento de ideias em comum. O que cabe salientar é o fato dessa tríade, assim chamada por Moscovici, constituir as condições geradoras dos elementos transformadores da própria sociedade.

As representações sociais desenvolvem-se de forma dinâmica, na relação do sujeito com o grupo, mediada pela cultura a qual está inserido. O sujeito é um componente social, sendo tanto o constituinte da representação quanto um efeito dela. Nesse universo, inovações acontecem a todo o instante.

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. (MOSCOVICI, 2004, p. 41).

Não podemos dizer que o sujeito é estático e que não compartilha das ações da sociedade, pois se assim fosse esse não estaria participando nem de um grupo de que faz parte da sociedade.

A cultura, por sua vez, também sofre influências sociais, mantendo suas concepções nucleares, porém os elementos periféricos mudam constantemente. Por esses motivos podemos compreender que as representações sociais são dinâmicas e influentes nas atitudes individuais, pois ocorrem na vivência da coletividade.

A representação social é a estrutura de pensamento que mobiliza a ação do sujeito. É ela que faz com que o sujeito tenha uma leitura de mundo e possa se guiar para viver nesse mundo. Quando analisamos grupos, vemos as representações sociais como produção simbólica do pensamento, mesmo quando pensada em um caráter micro. Já do ponto de vista da cultura, enquanto estrutura macro, é a produção e/ou prática da ação intencional que leva à divulgação das ações por ela construída.

Sabemos que as representações sociais correspondem, por um lado, a substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, a prática que produz a dita substância, tal como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica e mítica. (MOSCOVICI, 1961, p. 41).

As representações são tanto parte do produto quanto do processo, sendo que, enquanto produto, circulam dentro do processo. Essa leitura tem que ser dinâmica, para compreendermos a produção, a circulação e o impactos na práticas sociais.

Podemos pensar as representações sociais de uma forma ampla, quando se organiza a ação de um sujeito perante o grupo em que está inserido. Neste caso, podemos citar o fato do uso da bombacha por um sujeito, caracterizando a ação, o faz pertencer ao grupo de tradicionalistas gaúchos, pelo fato de compartilhar as mesmas vestimentas, condutas, ideias.

As representações sociais são concretizadas de várias formas, pela fala, gestos, ações do sujeito. Elas se apresentam em duas formas, uma como substâncias simbólicas e a outra forma se mostra na prática, ou seja, na realização da substância simbólica.

Inicialmente, Moscovici (2004) busca em Durkheim, a inspiração para pensar a representação. Durkheim faz uma divisão entre as representações abordando-as

como individuais e coletivas. As representações coletivas, para ele, eram base de estudos da sociologia e se organizavam nos saberes postos coletivamente.

Segundo Moscovici (2004), para Durkheim as representações constituem-se em um fenômeno de maior generalidade, formando uma unidade global, que abrange inclusive a ciência, a ideologia, o mito, a religião etc. A partir disso, a representação coletiva agiria de forma a integrar os indivíduos do grupo. A representação permaneceria estática, não havendo mudanças na representação com o passar do tempo e das gerações.

Porém, as representações sociais, conforme teoria apresentada por Moscovici (1961) possuem como sua essência o dinamismo, sendo desenvolvidas entre os sujeitos do grupo e pensadas de forma coletiva. Da representação coletiva, pensada por Durkheim, para as representações sociais, pensadas por Moscovici (1961), podemos dizer que são uma maneira mais ampla e dinâmica para explicar a ação do homem em seu grupo social.

Saliente-se, no entanto, que as representações sociais vão além da representação singular de um grupo. Elas sofrem a influência da ciência, que vai construindo ou trilhando os seus caminhos e produzindo efeitos sobre os sujeitos e grupos. Esses acabam por se autotransformar frente aos resultados das ciências, que se tornam parte integrante do cotidiano da sociedade humana. Em certo sentido, automaticamente as representações sociais acabam por se moldar nessas transformações.

Assim, segundo Moscovici (1961), entende-se que o mito vem de uma ciência total, uma filosofia única, enquanto as representações sociais consistem em uma das vias da compreensão do mundo, sujeita a mudanças com a evolução do sujeito perante o seu meio.

Na comparação entre mito e representações sociais, deve-se cuidar para não cair no senso comum, pois as representações sociais são contextualizadas tanto no caráter psicológico da autonomia dos sujeitos, quanto nas características da própria sociedade e cultura que se impõe ao sujeito.

Quando tratamos as representações como uma teoria que possibilita um conhecimento acerca do homem em sociedade, deve-se pensá-la também como um método. Neste sentido, há aspectos teóricos que influenciam profundamente os aspectos metodológicos. Um desses aspectos que é próprio da representação social, segundo a teoria de Moscovici (2004). Assim, entende-se que o mito vem de

uma ciência total, uma filosofia única, enquanto as representações sociais consistem em uma das vias da compreensão do mundo, sujeita a mudanças com a evolução do sujeito perante o seu meio.

São dois universos, o consensual e o reificado. Destaca-se que a representação, mesmo que de forma invisível na sociedade, define as formas gerais nas quais se baseiam os modos de pensar dos sujeitos desta sociedade.

Quando abordamos o universo consensual, partimos de um referencial extremamente humano, pois estamos abordando o conhecimento organizado e vivenciado pelo ser humano. Portanto todas as ações e sentidos, postos pelo universo consensual, ocorrem mediante a sociedade.

Assim, quando se pensa em representações sociais, podemos afirmar que ela atua por meio de observação, de análises dessas observações e de noções e linguagens que caracterizam o universo consensual. Este ocorre nos espaços públicos, onde todos podem ser o amador ou o observador, que necessariamente precisam construir uma cumplicidade, na linguagem, posturas, ações, que podem ser facilmente identificadas nos clubes, associações, etc. (MOSCOVICI, 2004), como é o caso do centro de tradição gaúcha, campo empírico desta pesquisa.

Conforme se vê em Moscovici (2004), as representações sociais equivalem ao universo consensual e que têm o propósito de manter o conhecimento coletivo do grupo, e propõem uma explicação das ações e práticas dos sujeitos deste grupo, de formas acessíveis a qualquer um do grupo ou da sociedade. É pelas representações que ocorre o sentido e o valor para as ações dos sujeitos pertencentes do grupo.

Em um universo consensual, a sociedade é vista como um grupo de pessoas que são iguais e livres, cada um com possibilidades de falar em nome do grupo e sob seu auspício. Dessa maneira, presume-se que nenhum membro possua competência exclusiva, mas cada qual adquire toda competência que seja requerida pelas circunstâncias. (MOSCOVICI, 2004, p. 50).

No universo reificado compreende-se a sociedade de uma forma mais específica, não havendo uma construção coletiva e espontânea dos sentidos nas representações. O universo reificado é constituído pela ciência. Ela se refere às práticas, ideias, atividades constituídas pela sociedade desde outro referencial, não brotando apenas da experiência vivencial. A ciência confere outro status às representações sociais, que passam a constituir a realidade objetiva pelo o universo

reificado da ciência. É pela ciência que está inerente ao objeto que se organizam os estudos neste universo. A ciência atua pela conclusão que se impõe sobre o objeto estudado, constituindo, assim, o universo reificado. Porém, se pensarmos que a ciência, assim como o mito e as representações sociais, constitui-se por uma organização psicológica, uma forma de conhecimento particular de nossa sociedade, irreduzível a qualquer outra, podemos compreendê-la como forma pertencente a noções psicossociológicas:

Num universo reificado, a sociedade é vista como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais. Somente a competência adquirida determina seu grau de participação de acordo com o mérito, seu direito de trabalhar “como médico”, “como psicólogo”, “como comerciante”, ou de se abster desde que “eles não tenham competência na matéria”. (MOSCOVICI, 2004, p. 51-52, aspas no original).

Fato é que tanto o universo reificado quanto o universo consensual, são próprios da nossa cultura. Compreende-se, entretanto, que as representações são exclusivamente pertencentes ao universo consensual, mesmo que permeado pelos discursos e conceitos da ciência, pois busca contextualizar as ações e os valores de forma com que todos sejam ativos no grupo, chegando a tal fator pela explanação do senso comum.

O senso comum está continuamente sendo criado e re-criado em nossas sociedades, especialmente onde o conhecimento científico e tecnológico está popularizado. Seu conteúdo, as imagens simbólicas derivadas da ciência em que ele está baseado e que, enraizadas no olho da mente, conformam a linguagem e o comportamento usual, então constantemente sendo retocadas. (MOSCOVICI, 2004. p. 95).

Porém, isso não quer dizer que não se possa haver a transição entre o universo consensual para o universo reificado, ou seja, nós podemos encontrar em algum momento o conceito que permeava o universo reificado, e que, torna-se popular entre todos, transformando-o em universo consensual. Por este motivo pode-se encontrar a percepção das ações como representações e como ciência.

Com a presença do discurso científico, o senso comum não circula mais de baixo para cima, mas de cima para baixo: ele não é mais o ponto de partida, mas o ponto de chegada (MOSCOVICI, 2004).



Nessa concepção pode-se ter a noção de opinião e de imagem. A opinião é uma fórmula socialmente valorizada, a qual é aderida pelo indivíduo. Por outro lado, também pode ser pensada como uma tomada de posição sobre um problema controvertido da sociedade. Neste sentido a opinião é pouco estável, pois ela parte do pensamento e conclusão de cada um, tornando-se um comportamento em miniatura, enquanto tal atitude é considerada como resposta adequada à preparação da ação. Pode-se deduzir o que o indivíduo irá agir seguindo o que ele diz sobre.

O conceito de imagem não se afasta do de opinião. Trata-se da imagem, do modo como esta é concebida, como um reflexo interno de uma realidade externa, ou, cópia fiel. Porém, a partir disso, o desafio é como pensar a forma de conhecimento nesse âmbito. Se abordarmos as representações sociais como conjuntos dinâmicos e seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aqueles e estas, e não de uma reprodução desses comportamentos ou dessas relações, estamos observando uma forma dinâmica de conhecimento que, neste caso, aborda a comunicação e a seleção de uma informação na sociedade.

Com relação às representações sociais, compreendemos que elas surgem da observação testemunhada pelo sujeito em eventos correntes. Quando as ações detectadas são relatos de organizações que não estão em nosso meio, como por exemplos de operações militares, experiências científicas, acabam por não serem compreendidas, pois ficam distante do grupo ou de sua linguagem.

Para adquirir significado é preciso realizar uma atividade extremamente importante para a composição das representações sociais. É este processo que possibilita tornar familiar o não-familiar.

A representação social atua, justamente, tornando o não-familiar em algo familiar: pela representação social, o desconhecido torna-se conhecido. Esse é o modo de atuação da representação. Pertencer a um determinado grupo implica estar familiarizado com as representações desse grupo, vivenciar suas práticas coletivas. Isso faz com que os sujeitos se aproximem uns dos outros. Portanto, o fator dominante na constituição do grupo é o engajamento de todos na representação, isto é, que todos estejam familiarizados com suas ações.

Porém, em nosso meio social, encontramos pessoas que pertencem a grupos que desenvolvem ações que não estão associadas em nosso cotidiano e que, de certa maneira, causam estranhamentos. Isto pode ser fonte de conflitos nas

interações entre um grupo e outro. Uma maneira de diminuir a causa de tais conflitos é atuar com estratégias para tornar o não-familiar em familiar. Um exemplo desses conflitos pode ser verificado na existência dos Centros de Tradições Gaúchas. Neles há sujeitos que dançam determinadas danças, usam um determinado vestuário, agem de modo que não é familiar a todos os grupos da sociedade.

Para que possamos entender essas ações do grupo tradicionalista é necessário que se faça a apropriação das representações sociais destes grupos para tornar essa cultura, e as práticas culturais desse grupo familiar a outros grupos.

Conforme dito acima, a finalidade das representações sociais é tornar familiar o não-familiar. E assim, encontramos uma singularidade nas ações vivenciadas em grupos, tanto dos tradicionalistas, quanto dos grupos para os quais o tradicionalismo não é familiar. Quando alguém, não familiarizado com o gauchismo, passa a frequentar um grupo tradicionalista, ocorrem significativas mudanças de valores e sentidos com esta pessoa.

[...] o que eu quero dizer é que os universos consensuais são locais onde todos querem sentir-se em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito. Tudo o que é dito ou feito ali, apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do que contradiz, a tradição. Espera-se que sempre aconteçam, sempre de novo, as situações, gestos, idéias. A mudança como tal somente é percebida e aceita desde que ela apresente um tipo de vivência e evite o murchar do diálogo, sob o peso da repetição. Em seu todo, a dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas (MOSCOVICI, 2004, p. 54).

Com a transição do testemunho à observação, ocorre uma transformação do conhecimento indireto para o conhecimento direto, pois possui uma única forma de constituir o meio, de apropriação do universo em questão. Sendo assim, fica o compromisso de cada um dos sujeitos pertencentes ao meio transmitir o seu saber e conservar um lugar no círculo de atenção.

Tendo essas informações como base, a finalidade do indivíduo não é ampliar o conhecimento propriamente dito, mas estar ligado à corrente, ou seja, não ser ignorado pelos pertencentes do grupo ou círculo coletivo. Porém, cabe pensar que o indivíduo, por mais que não possua conhecimentos enciclopédicos, possui imaginação e criatividade, agregando elementos relevantes para a formação e compreensão das representações sociais.

Na teoria das representações sociais, não podemos pensar o sujeito de forma

isolada. Há sempre a interação com o social, é ele que constrói um produto que dá a dimensão simbólica de algo relevante para o grupo que, neste caso, influenciará no produto. O que decorre das representações, individuais ou sociais, é que o mundo passa a ser o que pensamos que ele é ou deve ser. Possuímos, com as representações, a compreensão de que os conteúdos desse grupo acabam por ser de caráter dinâmico. É para isso que se emprega a teoria e o método das representações sociais, para compreender que é desta forma em que elas resultam. Todo esse movimento decorre para uma construção de conhecimento compartilhado nas relações entre os sujeitos.

A pesquisa sobre as representações sociais se dá por meio de duas abordagens, a processual e a estrutural. A abordagem processual se dá na análise da formação e da identificação da representação, pensando-a como um processo histórico e dinâmico. Nessa análise busca-se identificar a ancoragem e a objetivação. A outra abordagem é a estrutural, a qual busca identificar, na representação social, o que constitui o núcleo central e os elementos periféricos da representação.

A relação entre os sujeitos é que constitui a necessidade de criar e reformular suas representações. É nessa relação, segundo a abordagem processual, que o indivíduo constrói sua representação, por meio de dois processos indispensáveis: a ancoragem e a objetivação.

Compreende-se como ancoragem o movimento em que o sujeito efetiva para tornar algo não conhecido, ou não-familiar, em algo conhecido, familiar. Para ocorrer a ancoragem é necessário haver um comparativo com o objeto já familiarizado, encontrar uma categoria para o objeto em questão. Quando o sujeito realiza a manifestação e o comparativo, já está se apropriando do movimento de representação. Dado o devido reconhecimento ao objeto, podemos incorporá-lo em nosso campo de saberes, sendo que a ancoragem tende a constituir e fazer com que o objeto se torne conhecido. Segundo Moscovici (2004), ancorar é, pois, classificar e dar nome às coisas. O autor cita ainda que a representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes. Segundo ele, quando há categorização, significa escolher um dos paradigmas que se encontram arquivados em nossa memória e estabelecer certa relação com o objeto novo, podendo ser positiva ou negativa, em relação ao objeto ancorado.

Nesse contexto de discussão podemos entender como ancoragem o processo de reconhecer o objeto, dar nome, torná-lo familiar. Ancorar é estacionar em local conhecido.

Ancoragem – esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. É quase como que ancorar um bote perdido em um dos boxes (ponto sinalizadores) de nosso espaço social. (MOSCOVICI, 2004, p. 61).

Segundo Moscovici (2004), a ancoragem, nas representações sociais, traz duas consequências. Em primeiro lugar, ocorre o processo de exclusão das ideias e pensamentos que não possuam uma ancoragem, pois quando o sujeito não se apropria de um determinado conhecimento o mesmo acaba por não desvelar o conteúdo, acabando por excluir o mesmo.

A objetivação, por seu turno, no processo das representações sociais, se organiza na reprodução do sentido dado ao objeto, torná-lo material. Tal materialização se elabora por meio da informação obtida na ancoragem, da ideia que é constituída pelo sujeito durante a sua formação como tal e das crenças, ideias e informações por ele vivenciada.

Para que ocorra a objetivação, é necessário três momentos importantes. Para haver a compreensão e a atribuição de sentido ao objeto, em primeiro momento, precisa ocorrer a descontextualização, entendendo que o sujeito por estar em constante troca de informação com o outro no grupo, já tenha constituído alguma representação sobre o objeto em questão, pois está no seu contexto cultural. Pela descontextualização, o objeto passa a não ser visto como produção no interior do contexto.

Em segunda instância, ocorre a objetivação, segundo Ana Maria Justo (2012), o que corresponde à organização dos elementos de relação estruturada, a esquematização estruturante. Podemos compreender como estrutura estruturada a construção que o ser sujeito possui de algo a partir do seu conceito. Porém, com toda a construção e dinamismo que se encontra com a relação entre os indivíduos, podemos explicitar que se constitui a estrutura estruturante, sendo que esta se estabelece pelas informações concebidas do outro para o sujeito.

Após isso ocorrido, há a recontextualização, feita a partir das suas referências e valores. Por fim a familiarização, que é tornar natural, dar a materialidade proposta

para o objeto em questão.

Objetivação une a ideia de não-familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então, diante de nossos olhos, físico e acessível. (MOSCOVICI, 2004, p. 71).

Em consequência, essa organização entre tornar conhecido e concretizar, materializar o objeto em questão, ocorre de forma dinâmica e constante. Segundo Moscovici (2004). A ancoragem mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que classifica de acordo com um tipo e os resulta em um nome. Já a objetivação é direcionada para fora (para o outro) reproduzindo conceitos e imagens.

O sujeito é produtor de cultura. Sendo a cultura um conhecimento explicitado para outros sujeitos, automaticamente divulgado, ela resulta em várias representações sociais construídas por grupos de sujeitos; assim existe uma variável constante pelo fato do homem, que neste caso se consolida pela cultura, ser dinâmico e pensar e construir ações a partir de constantes relações.

A teoria das representações sociais, por outro lado, toma como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade. Seu objetivo é descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade. (MOSCOVICI, 2004, p. 79).

Por meio da interação entre os sujeitos, ocorrem mudanças nos valores das representações sociais. Tal olhar manifesta certa maneira de se pensar no âmbito micro da cultura. É neste âmbito que se apresenta a outra abordagem das representações sociais: a abordagem estrutural. Enquanto a abordagem processual acompanha um âmbito maior do processo das representações sociais, com os conceitos de ancoragem e objetivação, a abordagem estrutural foca-se em âmbito mais restrito, centrada nos conceitos de núcleo central e os elementos periféricos.

Em algumas vezes, o que achamos importante para determinada ação acaba por não ser tão relevante em outras, podendo ocorrer a troca do núcleo central da representação.

Partindo desse pressuposto, cabe entender o que é necessário e o que é contingente para a ação dos sujeitos, no âmbito das representações sociais. Quando

pensarmos a busca do entendimento da cultura e das representações sociais, podemos dizer que certas representações são necessárias (não contingentes) na representação, para o sujeito agir desta maneira e não de outra, no interior da cultura. É neste sentido que se apresenta a questão da necessidade. Porém, variando os grupos sociais e suas representações, pode ocorrer que a representação que se apresenta como necessária em um grupo se apresente como contingente a outro grupo, em relação à cultura. Isto ocorre pelo fato de que as representações podem variar nos diferentes grupos sociais. Cabe ressaltar que não existe homem sem cultura, sendo que é a própria cultura que faz o homem.

A abordagem estrutural das representações sociais foi proposta por Jean-Claude Abric, em 1976, a partir de sua tese de doutorado “*Jeux, conflits et représentations sociales*”, tendo como base a Teoria do Núcleo Central. Segundo Abric (1976 *apud* JUSTO, 2012), uma representação social é um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes e compõe um sistema sócio-cognitivo específico.

De acordo com Sá (1996), a Teoria do Núcleo Central constitui uma abordagem complementar à grande teoria psicossociológica proposta por Moscovici em 1961. A Teoria do Núcleo Central e dos Elementos Periféricos proporciona uma descrição mais detalhada das estruturas hipotéticas e explicações de seu funcionamento. Mesmo sendo considerada uma teoria menor, é de grande valia para o refinamento conceitual, teórico e metodológico dos estudos das representações sociais.

A organização de uma representação apresenta uma característica particular: não apenas os elementos da representação são hierarquizados, mas além disso toda representação é organizada em torno de um núcleo central, constituído de um ou de alguns elementos que dão a representação o seu significado. (ABRIC, 1994, *apud* SÁ, 1996 p. 62).

Quando pensamos a teoria das representações sociais por meio do mecanismo estrutural, encontramos nesta abordagem dois sistemas de cognições: sistema central e sistema periférico (ABRIC, 1998; 2003, *apud* JUSTO, 2012).

O sistema central constitui-se por elementos limitados, o que permite explicitar e reconhecer certa forma das coisas como identidade da representação. Tal identificação se dá pela relação que o grupo possui com o objeto, e pelo sistema de valores e normas compartilhados. Sua função é atribuir significado à representação,

funciona como organizador interno da representação social. É o núcleo central que determina a natureza dos laços que unem entre si os elementos da representação. O Núcleo Central acaba por estabilizar a representação. Ele é o elemento mais estável da representação, aquele que lhe assegura a perenidade em contextos móveis e evolutivos (ABRIC, 1998, p. 22).

Por sua vez, o sistema periférico, é a parte mais acessível de uma representação, o seu papel é de concretização, regulação, prescrição de comportamentos, proteção no núcleo central e personalização (Abric, 2003).

Para que haja um grupo social, este se constituirá por crenças que foram produzidas consensualmente entre todos do grupo, sendo estas crenças não questionáveis, pois o grupo só se constitui daquela forma pelo fato de existirem estas crenças, o que acabam por fundamentar os modos de vida e garantindo a identidade do grupo social, conseqüentemente garante a sua permanência social.

Nesse caso, podemos dizer que o núcleo central da representação, constitui-se de forma comum e consensual. Contudo, ele é constituído pelos elementos mais estáveis, rígidos, sendo que dificilmente ocorre a alteração do mesmo. É importante salientar que os componentes desse sistema estrutural são abstratos e tratam de aspectos ligados a sistemas e valores.

Quando há a alteração do núcleo central, é fato que estaremos diante de outra representação, pois é o núcleo central que determina a representação. Quando se forma outra representação, obrigatoriamente deve obter outro núcleo central, ou seja, cada representação é composta a partir de um núcleo central.

Ele será na representação o elemento que mais vai resistir à mudanças. Com efeito, toda modificação do núcleo central conduz a uma transformação completa da representação. Nós assumimos portanto que é o levantamento desse núcleo central que permite o estudo comparativo das representações. Para que duas representações sejam diferentes, elas devem ser organizadas em torno de dois núcleos centrais diferentes. A simples descrição do conteúdo de uma representação não é, portanto, suficiente para reconhecê-la e especificá-la. É a organização desse conteúdo que é essencial: duas representações definidas por um mesmo conteúdo podem ser radicalmente diferentes, se a organização desse conteúdo, e portanto a centralidade de certos elementos, for diferente. (ABRIC, 1998, p. 22).

Segundo Abric (1994), o levantamento do núcleo central é importante inclusive para conhecer o próprio objeto da representação. Às vezes esse é

constituído pela sua própria natureza, conforme é representado pelo sujeito e, outras vezes parte dele é construída pela relação do sujeito – ou grupo – com o objeto. Para enfatizar a importância do estudo do objeto da representação, Abric (1994, p. 24) cita uma comunicação pessoal de Flament: “uma das questões importantes não é tanto a de estudar a representação de um objeto quanto a de saber antes de mais nada qual é o objeto da representação”. Para Abric (1994, p. 24), esta é uma:

Observação em nosso entendimento fundamental: pois qualquer objeto não é necessariamente objeto de representação. Para haver um objeto de representação é necessário que os elementos organizadores de sua representação façam parte ou sejam diretamente associados ao próprio objeto.

Os elementos que não se encontram no núcleo central constituem o sistema periférico da representação. Diferente dos elementos nucleares, que em geral são mais abstratos e rígidos, os elementos periféricos são referentes à prática concreta, de natureza mais funcional, determinando e descrevendo as ações que constituem a representação. Estes elementos estão presentes nos eventos cotidianos dos atores sociais e que permitem que a representação social seja um guia de leitura da realidade.

Segundo Sá (1996), o núcleo central se constitui de forma consensual, estável, coerente e rígido, enquanto os elementos pertencentes ao sistema periférico, por sua vez, suportam a heterogeneidade do grupo. O sistema periférico é flexível, tolera possíveis contradições, permite a adaptação à realidade concreta, e até mesmo com diferenciações do conteúdo.

Os elementos periféricos, diferentes dos centrais, são concretos e seus significados pouco variam, sendo pertinentes a situações mais particulares, em vez de definir a representação para muitos indivíduos. São elementos sem estabilidade, os quais se modificam com facilidade devido a alterações no contexto dos grupos sociais e sua relação com algum objeto social. Servem como um escudo para o sistema central, adaptando-se a alterações contextuais ao mesmo tempo em que é preservada a integridade do sistema central. (WACHELKE; CAMARGO, 2007, *apud* JUSTO, 2012, p.39).

A abordagem estrutural das representações sociais, denominada de núcleo central e elementos periféricos, vem ao encontro da “grande teoria”, assim chamada por Sá (1996), para legitimar a representação encontrada nos diversos grupos sociais.



A inserção histórico-acadêmica da teoria do núcleo central no campo das representações sociais cumpre um papel que Moscovici legitimou, desde o início e de modo reiterado, ao considerar sua própria teoria como em processo de contínua elaboração. (SÁ, 1996, p. 164).

Compreendemos que os sistemas central e periférico, não se constituem, nem tão distantes, nem tão perto um do outro. O objeto que desencadeia esses elementos (central e periférico) irá fazer com que eles tenham uma conversa entre si.

Segundo Abric (1998; 2003), o sistema central possui a função geradora da representação do objeto, que acabará por atribuir sentido aos demais elementos da representação. Por mais que os elementos centrais permaneçam, em muitos casos, os mesmos, deve-se compreender que esses podem possuir significados diferentes.

No contexto das representações sociais verifica-se que os elementos centrais e periféricos de uma representação social podem resultar da partilha de emoções e sentimentos associadas a valores e práticas que envolvem uma representação. Esses elementos são visíveis, na expressão corporal dos dançarinos enquanto dançam, e pode-se notar a sua presença também nas falas e depoimentos dos dançarinos, nos Centros de Tradições Gaúchas, os CTGs.

### 1.3 EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

A educação é requisito fundamental ao homem em todas as épocas e adquire importância progressiva nas sociedades complexas do mundo contemporâneo. É a educação, em sentido amplo, na qual se compreende a educação formal, a educação não-formal e a educação informal, bem como a educação em sentido restrito, a qual abarca apenas a educação formal, que possibilita ao indivíduo acesso ao conjunto de bens culturais e serviços sociais. Quando nos referimos à educação, conforme já salientado acima, deve-ter em conta, conforme Simon (2007) a existência de três formas distintas de educação, a formal, a informal e não-formal. Para tanto precisamos compreender os seus conceitos.

Simon, em estudos baseados nos textos de Trilla, apresenta uma linha que separa acentuadamente a educação formal e a não-formal, para com a educação informal. A educação formal é aquela que se constitui de forma determinada e se afirma por meio de legislações nacionais. Ela se caracteriza pela existência de escolas e os conteúdos previamente organizados. Compreendida atualmente pela

educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Já a educação não-formal, consiste em uma abordagem que ocorra o ensino/aprendizagem, porém de forma não regulamentada ou legislada pelo Estado, embora seja feita de modo intencional e utilize métodos e estratégias adequadas a seus propósitos. Podemos compreender como ações educacionais da educação não-formal, projetos, programas ou propostas com estruturas diferenciadas.

Por fim, a educação informal é caracterizada pela aprendizagem que ocorre de forma espontânea, sem um planejamento. Nela há, também, a parte ensinante e a aprendiz, mas sem constituir-se um sistema formalizado, com métodos e estratégias instituídos, pois a parte ensinante é, de certa forma, autodidata. Podemos destacar a organização familiar como sendo um meio que ocorre essa abordagem educacional, por meio da socialização.

A postura educacional na educação informal é carregada de valores culturais, com o intuito de socializar os indivíduos, desenvolvendo hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar, no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que se pertence por herança.

Nessas abordagens, Simon, Park e Fernandes (2007, p. 78) cita Afonso que define a educação formal:

Por educação formal entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas, enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto.

Importante ressaltar que o leque de aprendizado que ocorre para além das instâncias educacionais formais é muito significativo para nos constituirmos falantes e participantes da sociedade. Ela ocorre em ambientes diferenciados, indicando diversos locais possíveis para se ensinar e apreender. Pode-se incluir aqui os ambientes virtuais, principalmente quando se trata de EAD – Ensino a Distância.

No Direito Constitucional, o conceito de educação, sustentado pela Convenção dos Direitos da Infância, regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases

da Educação Nacional – LDBEN, nº 9.394/96, em seu artigo 1º cita:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996).

Assim, a educação perpassa os limites do ensino escolar formal e engloba as experiências de vida, os processos de aprendizagem não-formais.

Com essa possibilidade ampla que a educação não-formal oferece, nas diversas esferas e grupos sociais, a amplitude de saberes de contextos histórico, cultural e econômico, acabam permeando as relações sociais e educacionais, constituindo um *locus* importante para a pesquisa com representações sociais.

Simon entende a educação não-formal, conforme pensada pelos pesquisadores da Universidade Michigan.

[...] algumas experiências são educacionalmente não-intencionais, mas não menos poderosas. Os resultados são tão comuns e produzidos tão completamente sem consciência ou intenção que são comumente pensados como “naturais” ou “inerentes”. O fato é, claro, que eles são aprendidos. (BREMBECK, *apud* SIMON, 2007, p. 1, aspas no original).

Em seguida, completa:

As mesmas experiências ou similares podem ser conscientemente examinadas e deliberadamente incrementadas através de conversa, explanação, interpretação, instrução, disciplina e exemplo de pessoas mais velhas, de pares e de outros, tudo dentro do contexto de vivências individual e social do dia-a-dia. Alguns incrementos podem pretender ser educativos, mas as próprias experiências não são planejadas conscientemente para isso. Alguns incrementos de experiências da vida real constituem a educação informal. (BREMBECK, *apud*, SIMON p. 1, 2007).

Um dos princípios da educação não-formal é a socialização dos praticantes. Assim, esse modelo de educação deverá ocorrer em espaços onde ocorra a vivência social, reforçando os contatos como coletivo, fazendo um estreitamento afetivo entre os sujeitos pertencentes ao grupo.

Esse espaço deverá comportar toda e qualquer atividade inerente ao grupo e que vá ao encontro do que os participantes desejem, podendo ser abordadas questões lúdicas, tornando o espaço um lugar agradável e de troca de experiências.

A educação não-formal considera e reaviva a cultura dos indivíduos nela envolvidos, incluindo educadores e educandos, de modo que a bagagem cultural de cada um seja respeitada e esteja presente no decorrer de todos os trabalhos, a fim de não somente valorizar a realidade de cada um, mas indo além, levando essa realidade a perpassar todas as atividades. (SIMON, 2007, p. 23).

Mario Sergio Cortella (2007) afirma que o E da Educação não-formal deve ser escrita com letra maiúscula, para validar e confirmar a importância dessa modalidade educacional para a formação intelectual, cultural e social do sujeito. Ele acaba não deixando qualquer suposição de que se trate de uma modalidade inferior, menos nobre ou amadora.

Ora, como Educação não é sinônimo de escola, dado que esta é parte daquela, tudo o que se expande para além da formalização escolar é território educativo a ser operado. Ademais, se essa operação compartilhante na Educação não-formal pretende a consolidação de uma sociedade com convivência justa e equânime, a cidadania em paz é o horizonte. (CORTELLA, 2007, p. 47).

Nessa perspectiva os CTGs, constituem um espaço educacional não-formal, onde ocorre a educação, em especial a ação social, uma vez que os tradicionalistas, frequentadores desta instituição, têm uma organização intencional do espaço social. Neste sentido, valores, crenças, hábitos e sentimentos relacionados nas diversas perspectivas do resgate da cultura gaúcha são nitidamente sentidos dentro do processo educacional e de vivência relacionada ao CTG. Ali se verifica

Razoável carga de conceitos e valores simbólicos com uma iconografia proeminente, onde destacam-se a indumentária, o apego a práticas campeiras e ao cavalo, o sotaque, o chimarrão, a valentia, a coragem, entre outras atribuições de modo algum, vazios de significados, mas sim cheio de possibilidades de significações. (CAMPOS, 1999, p.18).

A determinação do *status* ou do orgulho por valores tradicionalistas se faz com a representação da dança enquanto “um dos principais divulgadores da cultura gaúcha”, conforme João Carlos Paixão Cortes, pesquisador e Folclorista gaúcho, em uma de suas entrevistas para a RBSTV de Caxias do Sul (<[www.youtube.com/watch?v=uXnvdyLCGQw](http://www.youtube.com/watch?v=uXnvdyLCGQw)>) cita que “A dança tradicional gaúcha é sentida e referida como uma das maiores expressões da cultura, tendo como referência os saberes e valores que vêm sendo difundidos constantemente”.

Assim, as Representações Sociais são importantes para evidenciar as relações de pertencimento que permeiam a socialização e a educação da tradição gaúcha, marcadamente do Rio Grande do Sul. Mestre e Pinotti (2012), em texto escrito para a Revista Eletrônica de Psicologia, citam Guareschi, que mostra a relação entre os aspectos culturais, como é o caso do tradicionalismo, e a Representação Social.

São muitos os elementos que costumam estar presentes na noção de RS. Nelas há elementos dinâmicos e explicativos, tanto na realidade social, física ou cultural; elas possuem uma dimensão histórica e transformadora; nelas estão presentes aspectos culturais, cognitivos e valorativos, isto é ideológicos. Esses elementos das RS estão sempre presentes nos objetos e nos sujeitos; por isso as RS são sempre relacionais, e portanto sociais. (GUARESCHI, 1966 *apud* MESTRE; PINOTTI, 2004).

Logo, os fatores culturais e seus valores servem de norteadores de atitudes e comportamentos de grupos culturais e de seus membros; são nesses valores que são determinadas as experiências individuais. Isto ocorre pelos reforçadores explicitados em cada cultura, mas também comuns a todas as culturas, como os reforçadores sociais da atenção, da aprovação, do afeto, dos símbolos, do poder, etc. São reforçadores aqueles comportamentos que reforçam a si mesmos ou a outros comportamentos.

Para compreender os meandros nos quais se situa o campo de experiência e de simbolismos dos sujeitos desta pesquisa, no próximo capítulo se fará uma apresentação mais detalhada da cultura gaúcha, suas danças e tradições. Também se levará em conta o que os críticos da tradição gaúcha dizem.

## 2 O DESENVOLVER DO VALSEIO

Se pensarmos em um ponto de partida para compreender a cultura gaúcha, seus costumes e valores, temos que primeiramente conhecer quem é esse “ser” sujeito que se intitula gaúcho, o modo como se constituiu historicamente, sua origem e seus desdobramentos.

O estado do Rio Grande do Sul é dividido geograficamente por regiões, compostas de planaltos e serras, além das planícies, onde se estendem os campos, chamados pelos gaúchos de pampa. Esta região, que foi ocupada por pessoas vindas dos países da Argentina e Uruguai, era povoada por várias tribos indígenas, conhecidas por suas habilidades e saberes próprios, constituíam os povos dos charruas, minuanos, chanás, guenoas e iarós. Estes povos, assim como as outras tribos conhecidas que habitavam o nosso país, viviam da caça e da pesca. Sobretudo na região dos pampas e dos campos é que se constituiu a peculiar cultura conhecida como gaúcha.

### 2.1 O GAÚCHO BRASILEIRO

A região do sul do Brasil recebeu um grande número de imigrantes, de diversas nacionalidades, que vinham em busca de melhores condições de vida. Muitos destes vinham fugidos das grandes batalhas que se armavam em seus estados de origem.

Junto com estes imigrantes, o estado do Rio Grande do Sul recebeu um contingente populacional que está mais diretamente ligado ao que se chama gaúchos ou também conhecidos como os gaudérios. São grupos populacionais que, de uma forma marginalizada, estabelecem suas raízes nos pampas. Segundo a caracterização de Flores (1997, p. 68):

[...] o gaúcho ou gaudério, que, sem pátria e sem lar, era formado por desertores, fugitivos, vagabundos, criminosos, tanto portugueses como espanhóis, negros e índios, todos marginalizados pela sociedade latifundiária e pecuarista em formação.

Levando em conta essa conceitualização, deve-se, entretanto estudar o gauchismo em duas vertentes. Uma criada pelo romantismo de grandes intelectuais de renome do Rio Grande do Sul, e outra, construídas pelos documentos históricos

que permitem encontrar novas características para este grupo social.

A primeira vertente faz um paralelo do gaúcho com os cavaleiros medievais, dando um sentido mais romântico ao homem e um sentido idealizado à terra, valorizando as pessoas e suas tradições. Nesta vertente, o gaúcho é apresentado como sendo, desde sua origem, bom, sincero, valente e hospitaleiro.

Na segunda corrente nos deparamos com um sujeito pertencente a um grupo social marginalizado pelos grandes latifundiários e pelo serviço militar.

O cenário que se desencadeou na história do Rio Grande do Sul, marcadamente os pampas, mostra muitas terras em mãos de poucos latifúndios, acabando por gerar grande desigualdade social, produzindo a miséria e o desemprego. O gaúcho, que era um sujeito desgarrado e desempregado, acabava por agarrar-se a algum emprego nos períodos de safras e charqueadas.

O gaúcho era um desempregado que obtinha trabalho no período da safra das charqueadas e nos rodeios, por isto ele respeitava a propriedade do estancieiro para retirar o couro e o sebo. Os gaúchos também viviam das arreadas ou califórnicas, roubo do gado das estâncias para retirar o couro e o sebo. (FLORES, 1997, p. 69).

Nesse contexto, o homem gaúcho era um sujeito pertencente a um grupo social desprovido de recursos financeiros. Ele desenvolvia suas atividades no campo, com a lida do gado e serviços voltados às questões da pecuária e da terra.

Esse gaúcho também era considerado contrabandista quando a sua prática era vender os couros e os sebos aos piratas franceses no litoral, entre Maldonado e Castilhos Grandes.

Segundo Coni (1969), o primeiro registro que temos desses changadores ou contrabandistas foi em 1617 em Santa Fé, quando o sujeito intitulado de gaúcho, vestido à semelhança dos índios charruas, com botas de garrão de potro, chiripá e poncho, se muniam da prática de assaltar as estâncias em busca do couro.

Assim como em Santa Fé, em outras regiões da Argentina e do Brasil, moços com as mesmas características foram vistos e identificados como vagabundos e changadores. Porém, somente em 1750, no interior da campanha rio-grandense, surgiu os termos gaudério e gaúcho. Com estes termos, eram descritos os sujeitos pilhadores que acompanhavam os exércitos ao longe. Ainda segundo Coni (1969), o termo só se generaliza em meio a todos a partir de 1800.

Outros autores, como Saint-Hilaire, procuram fazer uma distinção entre o

campeiro e o gaúcho, diferenciando o que trabalha nas estâncias e o que acompanha o exército, movido na prática de saquear, não entendendo o sentido ou significado de pátria.

Nicolau Dreys, em 1839, faz uma classificação desse sujeito gaúcho.

[...] integrante de uma sociedade agine (sem mulher), formada originariamente do contato da raça branca com a indígena, recrutando constantemente indivíduos com gosto pela vida fácil, sem ordem e sem destino. (DREYS, 1839, *apud* FLORES, 1997, p. 71).

Mediante a explanação feita por Dreys, Flores cita ainda,

[...] o gaúcho andava armado de faca, lenço e boleadeiras, não dispensa o cavalo, até mesmo para curtas distâncias; vestia-se de chiripá, um pano de baeta enrolado na cintura, tendo por cima um cingidor, espécie de avental de couro destinado a receber a fricção do laço; uma camisa, jaqueta sem mangas, ceroulas com franjas compridas nas extremidades inferiores, um lenço na cabeça ou um chapéu roto. (FLORES, 1997, p. 71).

**Figura 01** - Gaúcho vestindo chiripá farroupilha



Fonte: <<http://www.masbahtche-rs.com.br/vestimen>>

Por mais que os registros históricos caracterizem o gaúcho como ser social marginalizado, e que suas ações não vêm ao encontro do que se entende como tal pela tradição, os rio-grandenses acabam por promover o gaúcho com certo romantismo, popularizando esse termo a partir de 1920 como sendo o monarca das coxilhas. Assim, enfatizam seu jeito valente, hospitaleiro e de homem da terra.



Segundo Salvador Ferrando Lamberty (1989, p.12) gaúcho consiste em:

Denominação gentílica dada aos filhos do Rio Grande do Sul. “El Gauchos” são chamados os camponeses do Uruguai e parte da Argentina, o que mostra a força de um povo sem fronteiras. Expressão dada ao teatino que vivia nas regiões litorâneas dos três países, sem conhecer fronteiras. Raça que brotou das entranhas do pampa, na figura do primitivo peão. Gaúcho, acima de tudo, é o peão campeiro.

Nas bibliografias que apresentam a evolução histórica do sentido do termo gaúcho, encontramos uma tentativa de construir uma interpretação de um homem ligado às ações do campo e afazeres da lida campeira, desligando-se da até então definição pejorativa de saqueador ou desocupado, conforme se encontra também em referências anteriores.

O campeiro rio-grandense, até hoje procura apagar a conotação pejorativa da origem da palavra gaúcho. Envergonha-se de ter nascido vagabundo, contrabandista, teatino, coureador, caçador de gado chimarrão, etc. Mas os gaúchos primitivos, em tempos remotos, vagavam por que? Certamente não por preguiçosos, mas sim na busca de serviços. Eram contrabandistas numa terra que nem fronteiras definidas existiam. Caçadores de gado selvagem, num mundo onde a natureza era a lei da sobrevivência. O gado era como a perdiz, em nossos dias. O gado certamente pertencia aos gaudérios e nativos. Teatinos, andarilhos, forasteiros, que buscavam domas, tropeadas, pequenas lidas que lhes garantissem a sobrevivência. (LAMBERTY, 1989, p. 15).

Quando o sul riograndense recebe oficialmente essa denominação, o que se percebe é a preocupação em passar uma imagem do gaúcho gentílico, eliminando o conceito pejorativo de sua origem.

Hoje encontramos um gaúcho com características de homem forte, ligado à terra e, por outro lado, extremamente gentil com a figura da mulher. Lamberty (1989, p. 17) descreve a vestimenta do gaúcho atual da seguinte forma:

O gaúcho atual usa a seguinte vestimenta: bombacha (calça-larga apertada nos tornozelos por um punho, com botão), pala (capa), tirador (avental de couro usado lateralmente para proteger a bombacha nas lidas de campo), guaiaca (cinto largo, com bolsos grandes, para o dinheiro ou os avios), chapéus de abas largas, lenço ao pescoço, botas e camisa com mangas”.

**Figura 02** - gaúcho vestindo botas fortes



Fonte: <<http://www.masbahtche-rs.com.br/vestimen>>

O estado do Rio Grande do Sul comemora o dia 20 de setembro como o Dia do Gaúcho. Com essa data busca, então, exaltar os guerreiros que participaram da Revolução Farroupilha, onde se destaca um gaúcho com uma exuberante coragem, empunhado de suas cinco armas preferidas, a lança e as quatro patas do seu cavalo.

Porém, precisamos estar atentos a respeito do “ser gaúcho”. O fato do estado do Rio Grande do Sul ser o estado divulgador dessa cultura, recheada de significados e valores, que determinam as ações dos sujeitos pertencentes há esse grupo, não podemos afirmar que todos que nascem no Rio Grande do Sul são gaúchos.

Os sujeitos que nascem no estado são chamados de riograndense, porém, constituindo uma relação com outras pessoas que vivenciam a cultura gaúcha, acabam por se agregar a um grupo social que possuem suas práticas voltadas ao homem gaúcho.

Outro fator importante para pensarmos a cultura e as ações dos gaúchos, que buscam em sua essência, uma vivência com os serviços do campo, em uma linguagem genuinamente gaúcha, a lida do campo, com afazeres voltados à questões de trabalhar com o gado, domar os cavalos, constituindo uma ligação com o meio rural.

Entretanto, nos dias atuais, o gaúcho está presente nos grandes centros urbanos, relacionando-se com meios extremamente contemporâneos, um gaúcho citadino, no qual se utiliza de seu cavalo de ferro para poder realizar a sua “lida” diária, ou de um laço ligado à luz, com teclas e acesso a internet para unir recursos para adquirir sua “boia”.

## 2.2 OS CENTROS DE TRADIÇÃO GAÚCHA - OS CTGS

Na disseminação do tradicionalismo gaúcho, destaca-se o papel dos Centros de Tradição Gaúcha – CTGs, como organização da sociedade civil, sem fim lucrativo, que visa à integração social de indivíduos (tradicionalistas), para o resgate, preservação e divulgação dos costumes, tradições e do folclore da cultura gaúcha, através da dança, esporte e fatos folclóricos.

O primeiro CTG teve sua fundação em 1948, em Porto Alegre. Um de seus fundadores – Luís Carlos Barbosa Lessa, no I Congresso Tradicionalista em Santa Maria em 1954, apresentou o texto “O Sentido e o Valor do Tradicionalismo”. Esse texto se mantém até hoje como tese-matriz do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Esse texto reitera os aspectos sociológicos e positivos do conceito de gaúcho, construído no século XX, com enfoque especial à cultura popular:

O Tradicionalismo deve ser um movimento nitidamente POPULAR, não simplesmente intelectual. É verdade que o Tradicionalismo continuará sendo compreendido, em sua finalidade última, apenas por uma minoria intelectual. Mas, para vencer, é fundamental que seja entendido e desenvolvido no próprio seio das camadas populares, isto é, nas canchas de carreiras, servir-se do folclore, da sociologia, da arte, da literatura, teatro, etc. Tudo isto constitui MEIOS para que o Tradicionalismo alcance seus fins. Não se deve confundir o Tradicionalismo, que é um movimento, com o folclore, a história, a sociologia, etc. que são ciências. Não se deve confundir o folclorista, por exemplo, com o tradicionalista; aquele é o estudioso de uma ciência, este é o soldado de um movimento. Os tradicionalistas não precisam tratar cientificamente o folclore; estarão agindo eficientemente se servirem dos estudos dos folcloristas, como base de ação, e assim reafirmarem as vivências folclóricas no próprio seio do povo (LESSA, 2012, p. 03).

Por meio do discurso de Lessa (2012), podemos compreender o Centro de Tradição Gaúcha como sendo um local que se aplica o tradicionalismo, sendo assim a presença de uma educação não formal. Assim, na atualidade, o “gaúcho”, para além do nascido no Rio Grande do Sul, passa a condicionar um grupo de indivíduos

que:

Possui hoje uma razoável carga de conceitos e valores simbólicos, com uma iconografia proeminente, onde destacam-se a indumentária, o apego a práticas campeiras e ao cavalo, o sotaque, o chimarrão, a valentia, a coragem, entre outras atribuições de modo algum vazios de significados, mas sim cheio de possibilidades de significações (CAMPOS, 1999, p.18).

As práticas do tradicionalismo podem ter várias conotações, como o sentido de pertencimento no que tange à auto-identificação, pela glória histórica ou uma filosofia de vida. Enquanto aspecto cultural, transcende o tempo e o espaço, modifica-se ao longo da história, perpassa o mestiço ao longo das fronteiras, passa pelo trabalho nas estâncias, chegando até o resgate da cultura gaúcha com os CTGs e o MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho), este criado em 1966. Nota-se, assim, a busca pelo pertencimento social, o engajamento a uma herança histórica, mais que de pertencimento propriamente dito, que vem difundindo-se, e encontra na prática do discurso, uma maneira de tentar entender como se fundamentam as bases institucionais do gauchismo.

No que tange às relações de pertencimento, pode-se recorrer às representações sociais. Elas permitem compreender as relações que constituem as ligações entre os indivíduos. Segundo Guareschi (*apud* MESTRE; PINOTTI, 2004).

São muitos os elementos que costumam estar presentes na noção de RS. Nelas há elementos dinâmicos e explicativos, tanto na realidade social, física ou cultural; elas possuem uma dimensão histórica e transformadora; nelas estão presentes aspectos culturais, cognitivos e valorativos, isto é ideológicos. Esses elementos das RS estão sempre presentes nos objetos e nos sujeitos; por isso as RS são sempre relacionais, e portanto sociais.

O Centro de Tradição Gaúcha Recordando os Pagos, campo empírico da presente pesquisa, constituiu-se, como sucessor da Sociedade Esportiva e Recreativa Torino, fundada em 2 (dois) de outubro de 1962 (um mil novecentos e sessenta e dois). Situado na cidade de Francisco Beltrão, município e comarca do mesmo nome, Estado do Paraná, na rua Maringá, 922, Bairro Vila Nova conforme cita o livro Ata de número 01.

Aos dois dias do mês de outubro de mil novecentos e sessenta e dois, nesta cidade de Francisco Beltrão, na casa onde funciona o bar de Jacindo Felipe, sita no bairro Vila Nova, reuniram-se alguns moradores do referido bairro para a fundação de uma sociedade esportiva e recreativa, com a finalidade não econômica. Inicialmente os presentes elegeram por aclamação o cidadão Darci P. Zancan, para presidir esta reunião e dirigir os trabalhos,

sendo que havendo este assumido a direção dos trabalhos, convidou a mim João Pereira da Silva para secretariar a presente. Com a palavra o senhor presidente dos trabalhos falou da finalidade da sociedade e propôs que fosse eleito uma diretoria provisória, para que a mesma tratasse da organização e constituição da entidade, inclusive elaborasse o projeto do estatutos sociais, afim de que fosse, na outra reunião, discutido e voltado e, se necessário, emendado e aprovado em assembléia geral. Posta em votação a proposição acima, foi aceita e aprovado por unanimidade. A seguir o senhor presidente propôs a realização da eleição da diretoria provisória, por aclamação, havendo ficado assim constituído.

Presidente: Darci P. Zancan – comerciante

Vice-presidente: Antônio Marcello - industrial

Secretário: João Perreira da Silva – industrialista

Tesoureiro: Hilário Galdoni – comerciante

Nesta ata foi declarado empossado a diretoria provisória, os quais ocuparam seus lugares na mesa e o presidente agradeceu aos presentes que o haviam escolhido para presidir os trabalhos e também agradeceu por ter sido eleito presidente da diretoria provisória. A seguir como, digo, foi proposto a pedido do cidadão Antônio Marcello que fosse escolhido o nome da sociedade de "Sociedade Esportiva Torino" o qual foi aceito pela maioria dos presentes. Declarou o Sr. Presidente que a palavra estava livre e podia qualquer dos presentes fazer uso da mesma. Não havendo nenhum dos presentes ocupado a tribuna, deu o Sr. Presidente por encerrada os presentes trabalhos, determinando que fosse lavrada esta ata por mim, João Pereira da Silva, secretario, indo a mesma assinada pelo Sr. Presidente e pelos presentes que a queiram assinar. (PERT, p. 1- 2, 1962).

Segundo relato de participantes do CTG, dentro da sociedade esportiva Torino, existia um departamento que era relevante, e relacionava-se ao tradicionalismo gaúcho.

O CTG Recordando os Pagos, em 27 (vinte e sete) de dezembro de 1967 (um mil novecentos e sessenta e sete), foi oficialmente registrado o Centro de Tradições Gaúchas Recordando os Pagos, no Cartório de Registro de Títulos e Documentos e Pessoas Jurídicas da Comarca de Francisco Beltrão sob nº. 77.610.392/0001-35. Ele já havia sido declarado de utilidade pública pela Lei Municipal nº. 2504/96, de 01 (um) de julho de 1996 (um mil novecentos e noventa e seis). Como registrado na Ata da assembléia geral extraordinária.

Aos vinte e sete dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e sessenta e sete, às 20 horas, reuniram-se na sede provisória, os sócios da Sociedade Esportiva Torino, em assembléia geral extraordinária, regulamente convocada, com determinam os estatutos sociais, de acordo com o Art. 22 e seus parágrafos. Aberto os trabalhos pelo Sr. Presidente, este determinou ao secretário para que fizesse a verificação dos sócios presentes, constatando-se não havendo numero legal para seu funcionamento. Obedecendo ao que determina o Art. 23 do estatuto, o Sr. Presidente convocou nova reunião para as 21 horas, oportunidade em que a assembléia se reunirá em qualquer numero. Reaberto os trabalhos o Sr. Presidente discorreu sobre os assuntos da convocação da assembléia, os quais pela ordem do dia, tratam da alteração do estatuto, transformando a Sociedade, em Sociedade Recreativa e Esportiva Torino e criação do

departamento social, incluindo-se neste um Centro de Tradições Gaúchas. Em prosseguimento o Sr. Presidente colocou a palavra a disposição para quem dela quisesse fazer uso, ocupou-a o Sr. Adão Homam, que expressando a opinião da maioria dos presentes, disse das vantagens e benefícios que trariam a sociedade estas alterações propostas. Como mais ninguém expressou parecer sobre o assunto, o Sr. Presidente submeteu a votação as modificações estatutárias, sendo aprovadas por unanimidade. (CTG, p.1, 1967).

Registros do livro nº 1, da Ata nº 5, encontramos informações que “[...] aos 14 dias de mês de Fevereiro de 1968 no bairro Vila Nova na sede provisória. Reunidos os membros da diretoria: 1º esclarecimento dos registros e modificações do estatuto da sociedade esportiva e recreativa Torino e incluindo-se neste um Centro de Tradições Gaúchas. Já com o registro despachado sob o nº 26.039.[...]” (CTG, 1997).

O CTG Recordando os Pagos, encontra-se atualmente com um cenário ativo. No que se refere a seus departamentos, compõe-se pelos setores Artístico, Cultural, Campeiro e Cavalgada.

**Figura 03** - Fachada do Centro de Tradição Gaúcha Recordando os Pagos



Fonte: do autor

O CTG é administrado por um grupo de tradicionalistas que são identificados como Patrão – Presidente, Vice Patrão – Vice Presidente, 1ª Sota Capataz – 1º Secretário, 2ª Sota Capataz – 2º Secretário, 1º Guaiaca – 1º Tesoureiro, 2º Guaiaca – 2º Tesoureiro, Diretor Esportivo.

Seus sócios podem ser classificados por seis categorias, sendo elas: 1)

**fundadores**, que são aqueles que assinaram a ata de fundação do CTG; 2) Os **patrimoniais** são aqueles que são portadores e proprietários de títulos patrimoniais; 3) Os **contribuintes**, que consiste em todos aqueles que cumpram com o pagamento ao CTG de uma jóia no valor estipulado em estatuto; 4) **Honorários**, são aqueles que tenham prestado relevantes serviços ou benefícios ao CTG; 5) Os **Culturais**, encontramos neste caso os participantes dos diversos departamentos, que se dediquem a lidas campeiras, artísticas, culturais, esportivas e cavalgadas e; 6) Há, ainda, os **temporários**, que são aqueles que, por uma ou outra razão, tiverem residência provisória no município.

Dentro do departamento cultural, que tem maior relevância perante esta pesquisa, encontramos 5 (cinco) elencos de danças tradicionais (grupos artísticos): Sendo constituída pela Invernada de Dança Mirim, com crianças de 5 (cinco) a 12 (doze) anos.

**Figura 4** - Invernada de Dança Mirim CTG Recordando os Pagos



Fonte: do autor

Invernada de Dança Juvenil, com adolescentes de 13 (treze) a 17 (dezessete) anos.



**Figura 5** - Invernada de Dança Juvenil do CTG Recordando os Pagos



Fonte: do autor

Invernada de Dança Adulta, com jovens de 18 (dezoito) a 30 (trinta) anos que são os componentes para a geração de dados para esta pesquisa, a partir das discussões da teoria das representações sociais.

**Figura 06** - Invernada Adulta do CTG Recordando os Pagos



Fonte: do autor.

Invernada de Dança Veterana, com homens e mulheres de 31 (trinta e um) a 49 (quarenta e nove) anos.



**Figura 07 - Invernada de Dança Veterana do CTG Recordando os Pagos**



Fonte: do autor.

Invernada de Dança Xiru, com senhores e senhoras de 50 (cinquenta) anos em diante.

**Figura 08 - Invernada de Dança Xiru do CTG Recordando os Pagos**



Fonte: do autor.

Dentre esses elencos de danças citados, exceto a Invernada de Dança Mirim, os demais participam dos eventos como circuitos e festival de danças tradicionais. No que compete aos outros elencos de danças podemos encontrar uma rotina de

ensaios e participação expressiva no festival de danças tradicionais do estado do Paraná intitulado de FEPART – Festival Paranaense de Arte e Tradição. As diferentes categorias já conquistaram títulos nos festivais. A Invernada de dança Juvenil como campeã estadual, em sua categoria, a Invernada de dança Adulta como vice-campeã estadual e a Invernada Xiru como vice – campeã nacional.

## 2.3 TRADIÇÃO E FOLCLORE

Abordando a temática da Dança Tradicionalista gaúcha, reiteramos a definição de tradicional, pertinente a essa abordagem:

Tradição é o todo que reúne em seu bojo a história política, cultural, social e demais ciências e artes nativas, que nos caracterizam e definem como região e povo. Não é o passado, fixação e psicose dos saudosistas. É o presente como fruto sazonado de sementes escolhidas. É o futuro, como árvore frondosa que seguirá dando frutos e sombra amiga às gerações do porvir. (SARAIVA, 1968, sp).

Neste mesmo sentido, de atualidade e de vivência no presente, Azevedo (2012, sp) define: “Tradição é a memória cultural de um povo. É um conjunto de idéias, usos, memórias, recordações e símbolos conservados pelos tempos, pelas gerações, transmitidos de pais para filhos”.

Hélio Rocha em citação na obra de Saraiva (1968, p.28), diz:

Tradição não é simplesmente o passado.  
 O passado é o marco. A Tradição é a continuidade.  
 O passado é o acontecimento que fica. A Tradição é o fermento que prossegue.  
 O passado é a paisagem que passa. A Tradição é a corrente que continua.  
 O passado é a mera estratificação dos fatos históricos já realizados. A Tradição é a dinamização das condições propulsoras de novos fatos.  
 O passado é estéril, intransmissível. A Tradição é essencialmente fecundadora e energética.  
 O passado é a flor e o fruto que findaram. A tradição é a semente que perpetua.  
 O passado é o começo, as raízes. A Tradição é a seiva circulante, o prosseguimento.  
 O passado explica o ponto de partida de uma comunidade histórica. A tradição condiciona o seu ponto de chegada.  
 O passado é a fotografia dos acontecimentos. A tradição é a cinematografia dos mesmos.  
 Enfim: Tradição é tudo aquilo que do passado não morreu.

Se, por um lado há uma importância significativa conferida ao conceito de

tradição, mostrando sua atuação no presente, há, por outro lado, uma visão mais crítica sobre o conceito de tradição. Neste sentido, é importante salientar o texto de Eric Hobsbawm, no qual o autor discute a invenção das tradições.

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. (HOBBSAWM, 1997, p. 9, aspas no original).

Outra abordagem de “tradição”, além da abordagem poética trazida por Saraiva e Azevedo, possibilita outra maneira de pensar o processo formador da sociedade. Ao encontrarmos a definição feita por Hobsbawm, referente à tradição inventada, pode-se verificar certa semelhança com a construção da tradição gaúcha. Conforme se viu acima, houve um investimento intencional para dar à noção de tradição gaúcha um sentido diferente do que ela tinha na sua origem. Em certo sentido, ela consta como uma dessas tradições inventadas.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBBSAWM, 1997, p. 9, aspas no original).

Segundo Hobsbawm (1997, p. 9), “consideramos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição”. Este dado, da repetição, é bem presente na construção das tradições gaúchas.

Para podermos compreender as tradições a partir da noção de tradição como algo inventado, deve-se levar em conta certa multiplicidade desse processo:

Elas parecem classificar-se em três categorias superpostas: a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. (HOBBSAWM, 1997, p. 17).

Segundo Hobsbawm (1997) as tradições que se compreendem dentro do

âmbito “b” e “c”, certamente correspondem à tradição inventada. Nas tradições caracterizadas pelo tipo “a” prevalece um sentido mais histórico e cultural, uma identificação implícita entre os sujeitos.

Contudo podemos compreender o processo de tradição por meio da história. A História iniciou, quando o homem articulou, balbuciou ou pronunciou as primeiras palavras. E o homem registrou sua história com desenhos e também a fixou através da escrita. Assim, a linguagem é o elemento fundamental de transmissão da tradição, que pode ser subdividida em: *Tradição Histórica* – transmite a memória (fatos) por duas fontes documentos (cartas, biografias, calendários, anais, compêndios, etc) ou monumentos (restos, vestígios, túmulos, palácios, obras de arte, brasões, moedas etc); e *Tradição Popular* – registra os fatos culturais que são preservados pela oralidade ou mesmo pela aceitação coletiva (MOURA, *apud* MTG/RS). Dentre as ciências que auxiliam o Tradicionalismo, destaca-se, igualmente a História e o Folclore.

A História contribuiu para a criação de uma identidade regional; embora essas singularidades sejam atualizadas, a determinação histórica do tradicionalismo deixa traços relevantes:

[...] uma das mais relevantes tensões contidas no tradicionalismo gaúcho refere-se ao modo pelo qual ele pensa e articula o regionalismo sulista em relação ao Brasil como um todo. Iniciando por sua maneira peculiar de se reportar ao passado É interessante notar a ênfase que aí é dada à participação dos habitantes do sul do país em uma série de conflitos armados de profundas repercussões, como foi o caso das lutas que ajudaram a definir a linha fronteira entre portugueses e espanhóis, no período colonial; das que contribuíram para acentuar a interferência brasileira na bacia platina, como a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai; ou das que sustentaram interesses regionais contrariados pelo poder central, como a Revolução Farroupilha ou a Revolução Federalista. E isto é ainda mais reforçado pela exibição de um espírito algo marcial em ocasiões solenes, onde indivíduos devidamente trajados, para não dizer uniformizados, rendem homenagem a personalidades que se destacaram naquelas ações militares ou desfilam a cavalo transportando com reverência bandeiras que simbolizam a identidade particular do movimento. (FALCÃO, 1998, p. 252 - 253).

Para dar ênfase ao modo como representam o passado, recorrem ao folclore:

O Folclore é a ciência que estuda a cultura espontânea do grupo social. A cultura espontânea é aquela que o grupo incorpora naturalmente, sem ensino formal e que dessa maneira se transmite no tempo e no espaço. Como o próprio nome sintetiza, é a ciência do povo, são as tradições, os costumes, as crenças populares, o conjunto de canções, as manifestações artísticas, enfim, tudo o que nasceu do povo e foi transmitido através das

gerações. (SANTOS, 2012, p. 01).

Nesse sentido, o *fato folclórico* é objeto de estudo, enquanto o folclore é a parcela do conhecimento transmitido de geração para geração, sem ensino formal. Ele é um elemento dinâmico da cultura, modifica-se e transforma-se de acordo com a região, meio físico e social, são os modos de pensar, agir e sentir de um povo, preservados pela tradição popular, imitação, sem influências de círculos eruditos (MTG/RS).

Pode-se assinalar uma diferença entre tradição e Folclore, embora elas não se separem ou possam ser tratadas isoladamente. Assim, a Tradição Histórica não é folclore; tradição popular é folclore; porém o folclore nascente, vigente e histórico não é tradição; bem como, a cultura de massa não é folclore, tampouco tradição (MTG/RS).

São fatos folclóricos do tradicionalismo gaúcho: a linguagem e a literatura popular (acróstico, quadrinhas, poesia, trovas, causos, adivinhações, anedotas, trava-línguas, etc); crendices e superstições relacionadas ao mundo sobrenatural (demologia, bruxarias, profecias e sortes mágicas, cultos e devoções populares); a lúdica adulta (danças, corrida de cancha reta, jogo de osso, de bocha, do truco, cortejos, festas tradicionais - do Divino, de Navegantes, Juninas, folguedos); da lúdica infantil (rodas cantadas, parlendas, mnemonias, formuletos, brinquedos e brincadeiras); as artes e técnicas (pintura, escultura, ex-votos, decoração, vestimenta e adornos pessoais, arquitetura, bonecos e brinquedos, cestaria, artesanato), a música popular (religiosa, de dança, acalanto, cantigas, canções, desafio, instrumentos musicais); os usos e costumes na agricultura, pecuária, astronomia, meteorologia, alimentação e culinária, caça e pesca, habitação, medicina caseira, benzeduras, cerimônias e rituais (MTG/RS).

Desses fatos folclóricos, segundo Santos (2012), surge a *Projeção Folclórica*, que consiste no aproveitamento dos mesmos fora da época ou função de origem, empregados em outras finalidades, por motivação política, estética, ética ou didática. Dessas funções interessa, nos fins desta pesquisa, em especial a *Função didática*, onde o fato folclórico é projetado fora de seu tempo ou espaço para divulgação ou consolidação do gauchismo. Cita-se, como exemplo, os casos dos Fandangos em CTG de zona urbana; músicas e poesias, com temas folclóricos, bem como esculturas e pinturas; apresentação de Terno de Reis e Terno de Santos fora da data

e do local onde costumam acontecer; coreografias criadas utilizando ritmos folclóricos.

A reinterpretação folclórica, por sua vez, é a apresentação ou o aproveitamento de fatos folclóricos históricos que adquirem novo significado cultural, é um processo que possibilita a integração de novos elementos ou valores. Um exemplo é a apresentação das danças do folclore histórico nos CTGs, as quais, em época passada, tiveram função lúdica e, hoje, têm função didática (SANTOS, 2012).

Assim, as danças gaúchas tradicionais (concurso) são uma reinterpretação do Folclore enquanto as “entrada e saída” de uma Invernada Artística em eventos como o ENART (Encontro de Arte e Tradição Gaúcha), constituem-se numa Projeção Folclórica (MTG/RS).

Outro autor que trata das questões relacionadas à tradição e folclore é Tau Golin, no livro *Identidades: questões sobre as representações socioculturais no gauchismo*. Seus estudos se relacionam com as questões trazidas pelo Eric Hobsbawm, no que se refere à invenção das tradições.

Golin (2004) dirige suas análises à tradição gaúcha. Quando o autor aborda, em seus escritos, a cultura gaúcha, faz com que o leitor fique inquieto, pois ele possibilita o contato com uma nova forma ou perspectiva de pensar a cultura gaúcha, o modo como ela foi ou está sendo colocada de forma arbitrária para o rio-grandense. Golin (2004) fala de uma imposição cultural, o que faz com que a cultural gaúcha seja pensada como uma cultura de massa, não havendo a possibilidade de outras culturas serem expressas nessa região do país.

[...] coloco em relevo o aspecto dominante da representação rio-grandense reconhecida como cultura de massa, procurando demonstrar o seu processo formativo, sem desconhecer os diversos movimentos subjacentes e marginalizados, e a condição histórica impeditiva de uma harmonização exclusiva da identidade gentílica. (GOLIN, 2004, p. 7).

Segundo Golin (2004), na sociedade rio-grandense há uma reelaboração do passado, constituindo valores pretensamente forjados. Historicamente não há uma sociedade tradicional no Rio Grande do Sul e sim um espaço colonial absolutista, implantando uma sociedade de classes de tipo escravista alicerçada na propriedade privada.

A sociedade rio-grandense (e sua representação cultural) é conservadora e não tradicional. Os elementos da “tradição” reforçam e reificam antologicamente seu conservadorismo. Ou seja, o movimento cultural

tradicionalista e seus sucedâneos não se caracterizam como uma extensão de uma sociedade tradicional, mas da invenção totalizante de um *civismo retrógrado* no interior da sociedade moderna de classes. (GOLIN, 2004, p. 8, aspas no original)

Um exemplo da invenção da tradição são os vários documentos impostos como sendo uma organização das ações e valores que regeriam a todos que possuíssem a identidade da cultura gaúcha. Identidade que se estabelecia mediante o grupo social a que cada sujeito pertencia, sendo ele peão ou estancieiro. Esses documentos foram surgindo após a criação do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore - IGTF, fundado em 1945, impondo o tradicionalismo.

Em 1961, elaborou uma Carta de Princípios; e, em 1968, na contramão das inquietações libertárias e embevecido nas tertúlias do Palácio Piratini, baixou como norma o Manual do Tradicionalista, para onde foi transferido todo o espírito de caserna da ditadura militar. Ao Rio Grande multicultural e rebelde foi “imposto” um dogma saneador. A partir de um centro tradicionalista legitimador, construíram-se sistemas de controle e de seleção, o aparte na boca do brete cultural do que poderia ser incluído no mangueirão do gauchesco [...]. (GOLIN, 2004, p. 18, aspas no original).

Para Tau Golin, outro movimento que vem se estabelecendo como uma atividade de massa são os festivais de folclore. Para melhor compreender esses acontecimentos, Tau Golin apresenta alguns conceitos referentes a folclore.

Deu-se o nome de “folclore” aos fenômenos representados pelos “fatos culturais sobreviventes” de relações sociais em descompasso de tempo com a concepção de progresso, sob os cânones do desenvolvimento proposto pela civilização ocidental. (GOLIN, 2004, p. 29, aspas no original).

Assim como Hobsbawm, Golin afirma que o conceito de folclore é adotado como paradigma nos conceitos das ciências sociais, articulando manifestações culturais possíveis de valorar e seu sentido. O autor também discute, no conceito de folclore, a necessidade de compreendê-lo como uma manifestação de determinado grupo social. Ele compreende que

[...] um fato folclórico é uma espécie de portal para ingressar em uma sociedade mais ampla ou, restritamente, em um grupo humano – independentemente de seu tempo -, para perceber as suas relações e, fundamentalmente, conhecer o espaço de “convivência humana”, de geração, gênero, classes, etc. Nessa visão, tanto a manifestação telúrica infantil do gadinho de osso como uma determinada dança são expressões socioculturais. (GOLIN, 2004, p. 30-31, aspas no original)

Sendo assim, o folclore pode afirmar valores, reforçar relações constituintes do próprio sujeito, mas também a relação do sujeito com os outros, constituindo os grupos sociais. Golin (2004) afirma ainda que só existe folclore no espaço do grupo social; folclore é um termo para designá-lo em sua manifestação concreta. Um determinado fato só é folclórico quando manifestado pelo grupo social que o mantém. O folclore, portanto, se constitui dentro do grupo social. Se não for dessa forma, deixa de ser folclore e passa a ser uma manifestação artística.

Quando esse fato é retirado do seu espaço social, desencarnado dos seres reais que o justificam e o sustentam como manifestação do grupo, e levado para outro espaço, por outros agentes e grupos artísticos, por exemplo, deixa de ser folclore. A representação feita por outros elementos e fora do espaço social real é uma *manifestação artística de inspiração folclórica*. (GOLIN, 2004, p. 31, grifos no original)

A partir dessa forma de pensar a ação folclórica, fica a questão quanto às danças executadas dentro dos centros de tradições gaúchas serem ou não consideradas como dança folclórica. Pois as mesmas estão postas fora do seu espaço social e estão sendo sustentado por grupos artísticos em outros espaços. Assim, pode-se considerar a dança executada nos grupos de dança dos CTGs como uma manifestação artística, de inspiração folclórica.

A partir destas considerações deve-se cuidar para não intitular um “grupo artístico” de “grupo folclore”, que segundo Tau Golin, é um erro comum nos festivais de folclore existente no Rio Grande do Sul. Outro cuidado cabe às definições de tradicionalismo e folclore.

Tradicionalismo não é folclore; sequer tradição! É tão-somente um movimento sociocultural associativo, que instrumentaliza elementos do folclore, da tradição, do regionalismo e dos hábitos e costumes. [...] se alguma importância existe no tradicionalismo, ela não se circunscreve na missão de guardião da “cultura e do modo de vida” de “grupos sociais” dos pagos, mas justamente a dar certa “sociabilidade” aos grandes contingentes humanos, fornecendo o remédio mitologizado da “tradição” para a doença da alienação social. Um bom serviço do tradicionalismo seria assumir a sua verdadeira natureza e não travestir a sua identidade como expressão folclórica. (GOLIN, 2004, p. 33-4, aspas no original).

Essas contradições ocorrem na própria organização do CTG. Ele se organiza como uma estância (grande propriedade), porém é obrigado a instrumentalizar as manifestações folclóricas dos espaços da média e da pequena propriedade.



## 2.4 DANÇAS TRADICIONAIS GAÚCHAS

A dança tradicionalista gaúcha, ressaltada por Paixão Cortes e Barbosa Lessa, dentro dos documentos do 13ª Região Tradicionalista, são expressão da dança popular (manifestação coletiva), tendo sua força no grupo social. Assim, as danças tradicionais gaúchas não se originaram inteiramente em ambiente campeiro, mas, são a representação do espírito de fidalguia e de respeito à mulher, dando teatralidade. As danças, de um modo geral, diferenciam-se em: danças de espetáculo, danças étnicas, dança de salão, danças promovidas pela indústria cultural e danças folclóricas (PAULA *et al*; 2006). Em especial, o último tipo, conforme classificação de Paula *et al* (2006), representa a tradição de um povo, de uma cultura, no caso do Brasil, essa contribuição é marcada pelas imigrações portuguesa, africana, espanhola, alemã, polonesa, etc. Assim, as danças folclóricas no Brasil são resultado da mistura das várias culturas difundidas diferentemente em cada região (OSSONA, 1998).

Segundo Ceribelli (2008), a dança de salão surgiu na corte Europeia, por volta do século XV, como artifício de distração de reis e rainhas da corte, durante as suas festas. Enquanto a aristocracia embalava suas reuniões com danças de movimentos elegantes, os camponeses, em sua ligação íntima com a terra, desenvolviam danças com temas populares, caracterizando as danças folclóricas.

Assim, o que chamamos de danças folclóricas, resulta de um processo de construção da história. Elas são o intercâmbio entre as danças executadas pelos camponeses, com movimentos simples, com as danças encontradas nas cortes europeias. As coreografias faziam uma veneração à mulher, com cumprimentos executados pelo cavalheiro. As danças se caracterizavam, segundo Ceribelli (2008, p. 77), da seguinte maneira:

As coreografias, principalmente das danças da corte, veneravam a mulher, cortejada pelo cavalheiro que, ajoelhado a seus pés, segurava sua mão para facilitar o giro da dama. Ao som de músicas clássicas, os movimentos eram suaves e graciosos. Até então, as danças eram configuradas em rodas ou em colunas, onde ficavam lado a lado. Só então é que homens e mulheres começaram a dançar em linha, mas frente a frente. Muito tempo se passou – cerca de dois séculos – até os dançarinos passarem a formar pares, condição que viria a se tornar uma das características das danças de salão.

Somente após dois séculos do seu surgimento, ou seja, no século XVIII, é

que as danças buscam um caráter enlaçado, como podemos encontrar nas danças de salão de hoje.

A partir dessas informações, pode-se encontrar uma ligação das danças tradicionais gaúchas, com o próprio surgimento da dança de salão. As danças executadas pelas Invernadas Artísticas dos Centros de Tradições Gaúchas são classificadas como danças folclóricas por toda a sua construção e importância para o tradicionalismo. Mediante este contexto, podemos afirmar que existem as danças de salão (chote, vanera, vanerão, bugio, valsa, rancheira, etc.) executadas nos bailes; e as danças tradicionais (folclóricas) apresentadas nos festivais, sendo que apresento com detalhes mais a frente.

Na ideologia oficial do Governo do Estado, o tradicionalismo gaúcho e as demarcações dessa cultura, as danças tradicionalistas gaúchas, suas respectivas músicas e letras, foram reconhecidas como integrantes do patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul, através da Lei n. 12.372, de 16 de novembro de 2005 (publicada no DOE nº 217, de 17 de novembro de 2005). Consta, em seu Artigo 1º, parágrafo único, que as danças tradicionais gaúchas constituem-se com a seguinte denominação: o Anu, o Balaio, a Cana Verde, o Caranguejo, o Chico Sapateado ou Cuiquinho, a Chimarrita, a Chimarrita Balão, o Chote Carreirinho, o Chote de Sete Voltas, o Chote de Duas Damas, o Chote de Quatro Passi, o Chote Inglês, a Havaneira Marcada, o Maçanico, a Meia Canha (polca de relação), o Pau de Fitas, o Pezinho, o Queromana, a Rancheira de Carreirinha, o Rilo, a Roseira, o Sarrabalho, o Tatu, o Tatu de Volta no Meio e a Tirana do Lenço. As músicas, as letras e as coreografias das danças tradicionais gaúchas estão definidas nas obras publicadas e adotadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG.

Segundo Ouriques (2010, p. 11), as danças tradicionais gaúchas são hoje caracterizadas coreograficamente em quatro ciclos. O ciclo do minueto, ciclo do fandango, ciclo da contradança e o ciclo das danças de pares enlaçados. O ciclo do minueto possui danças com “passos e gestos comedidos e refinados de todo o conjunto coreográfico”. Desde sua origem em outros países ou culturas, para o modo de dançar na cultura gaúcha, as danças, tomaram características específicas de sua cultura e de seu povo.

O minueto teve sua origem, como dança, na região de Poitu e seu nome vem de “pas manu” que significa passo miúdo. Sob o reinado de Luís XIV, invadiu os salões da corte e espalhou-se pela Europa, a ponto de tornar-se

a principal dança da aristocracia, atingindo o mais alto grau de luxo e magnificência. É uma dança em andante, com a formação de figuras geométricas e medidas. (OURIQUES, 2010, p. 15).

O ciclo do fandango possui características voluptuosas em que se destaca o galanteio e a sedução. Com sua origem na Espanha e destaque em Portugal.

A manifestação do fandango, segundo alguns pesquisadores, teve sua origem na Espanha, herança árabe deixada pelos mouros. Os portugueses adotaram-no dos espanhóis no tempo da dominação filipina, sendo muito popular no século XVIII e constituía-se de música e dança. O fandango era muito apreciado em todas as camadas sociais, desde a nobreza ao povo. Em Portugal, chegou a ser considerado como verdadeira dança nacional, despertando um entusiasmo delirante. Paixão a que não era imune à própria corte, que ia ver a dança nos teatros da capital. (OURIQUES, 2010, p. 17).

Outro ciclo, citado por Ouriques em *Danças Tradicionais Gaúchas* (2010), foi o ciclo da contradança, que vai sofrer influência de Luís XIV, buscando coreograficamente movimentos com graciosidade. Chega ao Brasil através dos Portugueses e possui uma evolução com a chegada dos açorianos e luso-brasileiros, adquirindo característica viva, alegre e descontraída.

O seu nome original “country dance” (dança campestre) revela a sua proveniência popular e inglesa. Nesta designação englobavam os britânicos, tal como ainda hoje, todas as danças originárias do campo e não apenas uma delas.

Segundo Curt Sachs, havia dois grandes tipos de country dance: os rounds, que eram as danças circulares em que os homens alternavam com as mulheres, e os longways, que eram danças de fileira, em que a fila de homens se posicionavam em frente à das mulheres.

Ainda no século XVII, a contradança atravessou o Canal da Mancha e seu nome original, country dance, evoluiu para a corruptela “contredanse”, na França, e, em Portugal, para contradança. (OURIQUES, 2010, p. 19, aspas no original).

Por fim, o último ciclo de danças tradicionais é o ciclo das danças de pares enlaçados. Com característica alegre e envolvente, teve sua notoriedade com a valsa, dança de origem austríaca, que ficou popularizada com o congresso de Viena (1814/1815). A palavra valsa deriva da palavra *waltzer*, que em alemão significa “dar voltas”, conforme Eliana Caminada (*apud* OURIQUES, 2010, p. 21):

A primeira dança de pares enlaçados (danças fechadas de par), que se tem notícias, foi citada pela primeira vez em Paris, em 1536, com a denominação de “volta”, que tomou conta dos salões e dominou a Inglaterra, Alemanha e a Basileia.

Por ser uma dança de origem campestre, encontramos a sua rejeição pelos nobres.

Sua característica alegre e envolvente logo levou o ritmo à preferência de muitos, com exceção das classes aristocráticas e camadas sociais mais altas, que a consideravam imoral e vulgar. Em algumas regiões da Inglaterra e em cortes alemãs, a dança foi proibida por décadas. (OURIQUES, 2010, p. 21).

A partir deste delineamento sobre a história da dança, é possível situar melhor as danças tradicionais gaúchas, que resume as danças que fazem parte da cultura do gauchismo.

As danças tradicionais gaúchas originaram-se das antigas danças brasileiras e das trazidas pelos imigrantes. Estas danças aqui se “agaucharam” adquirindo cor local, e foram marcadas por duas, das principais características da alma do gaúcho: a teatralidade e o respeito à mulher. (OURIQUES, 2010, p. 23).

Dentre as danças já citadas, que fazem parte das danças tradicionais gaúchas, vamos encontrar algumas que se enquadram em dois ou mais ciclos. Para melhor compreensão, segue o quadro que indica onde cada dança se encaixa, dando-lhe melhor visibilidade nas características das danças e seus respectivos ciclos.

**Quadro 01** – Danças tradicionais gaúcha.

DANÇAS TRADICIONAIS GAÚCHAS	CICLO DO MINUETO	CICLO DO FANDANGO	CICLO DAS CONTRADANÇAS	CICLO DE PARES ENLAÇADOS
<b>Anu</b>	<i>Durante o Passeio</i>	<i>No Sapateio e sarandeio</i>		
<b>Balaio</b>		<i>No Sapateio e sarandeio</i>	<i>Durante o Giro de rodas concêntricas</i>	
<b>Cana Verde</b>			<i>Dança de Pares dependentes</i>	
<b>Caranguejo</b>			<i>Referências desde o século XIX</i>	
<b>Chico Sapateado ou Chiquinho</b>		<i>Nas partes sapateadas</i>		<i>Na execução do valsado</i>
<b>Chimarrita</b>			<i>Dançada por pares soltos dependentes</i>	
<b>Chimarrita Balão</b>		<i>No Sapateio e sarandeio</i>		<i>Durante os Saltos de polcas</i>
<b>Chote Carreirinho</b>				<i>Dança de Pares independentes</i>
<b>Chote de Sete Voltas</b>				<i>Dança de Pares independentes</i>

<b>Chote de Duas Damas</b>				<i>Executada com duas prendes para um peão</i>
<b>Chote de Quatro Passi</b>			<i>No passeio</i>	<i>No valseio</i>
<b>Chote Inglês</b>	<i>Na 1ª e 3ª figura</i>			<i>No chote fundamental</i>
<b>Havaneira Marcada</b>				<i>Dança de Pares independentes</i>
<b>Maçanico</b>			<i>Dança de Pares dependentes</i>	
<b>Meia Canha (polca de relação)</b>			<i>Peculiaridade a troca de quadrinhas recitativas entre os dançarinos</i>	
<b>Pau de Fitas</b>			<i>Dança primitiva e universal</i>	
<b>Pezinho</b>			<i>Dança de Pares independentes</i>	
<b>Quero Mana</b>	<i>Dança cerimoniosa</i>			
<b>Rancheira de Carreirinha</b>				<i>Dança com coreografia especial</i>
<b>Rilo</b>			<i>Dança com passos de marcha</i>	
<b>Roseira</b>	<i>Nos passeios</i>	<i>Nos sapateio e sarandeio</i>		<i>No valsado e na roseira</i>
<b>Sarrabalho</b>		<i>Nos bate-pés</i>	<i>Nos avanços</i>	
<b>Tatu</b>		<i>Criação coreográfica genuinamente Riograndense</i>		
<b>Tatu de Volta no Meio</b>		<i>Uma cantiga do fandango</i>		
<b>Tirana do Lenço</b>		<i>Característica romântica</i>		

Fonte: do autor.

É em torno destas danças que os dançarinos realizam suas práticas dentro do CTG, a dança tradicional gaúcha, é a mola propulsora para que esse sujeitos dançarinos fiquem e permaneçam dentro do grupo social. Mediante essa explanação iremos compreender as ações realizadas pelos dançarinos e sua representação com a dança e conseqüentemente com o tradicionalismo gaúcho. As análises do capítulo seguinte irão transitar nesse universo da dança tradicional, buscando relacionar com a Representação Social.

### 3 O SENTIDO DO BAILADO

Conforme já indicado desde o primeiro capítulo, o presente estudo busca compreender as Representações Sociais das danças tradicionais gaúchas, junto aos componentes de um elenco artístico adulto, de um Centro de Tradição Gaúcha (CTG). O campo empírico do estudo é o Centro de Tradições Gaúchas Recordando os Pagos, de Francisco Beltrão – Paraná.

O CTG é um ambiente no qual ocorre troca de experiências, ações de ensino, momentos de aprendizagem. Nele ocorre um processo de socialização do indivíduo (independente de religião, idade, classe social, etc.). Assim, embora não seja uma instituição de educação formal, dentro dos padrões e do sistema habitual, é um espaço no qual ocorre transmissão do conhecimento, caracterizado como educação não-formal. Esse modelo de educação ocorre com intencionalidade e métodos próprios para cada propósito, desenvolvendo-se nos espaços onde ocorre a vivência social, reforçando os contatos com o coletivo. No caso dos CTGs, a interação social promove, também, um estreitamento afetivo entre os sujeitos pertencentes ao grupo.

Dessa forma, os centros de tradição gaúcha (CTG's), constituem-se em espaço de educação não-formal, que faz com que um grupo de sujeitos, de diferentes classes sociais, níveis educacionais, etc., se reúnam com regularidade para compartilharem ações e ideias, constituindo um grupo social conhecido como tradicionalista. Segundo Golin (2004), o tradicionalismo pode ser definido como um movimento sociocultural associativo, que instrumentaliza elementos do folclore, da tradição, do regionalismo, dos hábitos e costumes. Neste estudo, em especial, no que se refere às atividades da cultura gaúcha, a ênfase recai sobre as danças tradicionais.

Para a geração de dados a serem analisados à luz da teoria das Representações Sociais de Moscovici, foram empregadas duas estratégias. Uma para a abordagem estrutural, que abrange a elaboração e compreensão do núcleo central e identificação dos elementos periféricos da representação social, o que permite uma descrição mais detalhada das estruturas e funcionamento das representações.

A outra estratégia de geração de dados visa à abordagem processual. Nela se evidenciam as ações pelas quais os sujeitos realizam a ancoragem e a objetivação da representação. Conforme já visto no primeiro capítulo, compreende-se como

ancoragem o movimento pelo qual o sujeito torna algo não conhecido em conhecido, o não-familiar em familiar. Já a objetivação consiste no movimento pelo qual se efetiva a reprodução do sentido dado ao objeto, tornando-o material. Tal materialização se elabora por meio da informação obtida da ancoragem.

O grupo de dança estudado é composto por 14 (quatorze) dançarinos, com idade entre 18 (dezoito) a 30 (trinta) anos. Todos residem em Francisco Beltrão (PR). São jovens que, em seu dia-a-dia, desenvolvem diversas atividades, trabalham em diferentes segmentos, com maior concentração nas atividades da indústria e do comércio (classe média baixa), com carga horária de oito horas diárias. Portanto, sua renda familiar é média, entre dois a três salários-mínimos. Muitos são estudantes universitários, em áreas como saúde, humanas, engenharias, etc. O que eles têm em comum é a participação no grupo de dança adulto do CTG Recordando os Pagos. Portanto, coexiste uma relação entre a educação formal e não-formal.

Assim, ressalta-se que todos esses sujeitos, além de desempenharem suas atividades habituais (estudos, família, trabalho, lazer, etc.), ainda desenvolvem uma jornada intensa de ensaios junto ao grupo de dança, normalmente com 2 (dois) ensaios semanais, realizados às sextas-feiras e domingos, com 4 (quatro) horas cada. Quando se aproximam os momentos de competições – rodeios artísticos – os ensaios se intensificam, tornando-se algumas vezes diários.

Sabendo-se desta longa jornada, os momentos para entrevistas e conversas, na geração de dados, foram harmonizados com as possibilidades cotidianas das pessoas. Conforme já anunciado, busca-se, no presente estudo, compreender a representação da dança tradicional para esse grupo, bem como as motivações que faz com que eles permaneçam no grupo, os sentidos e valores que esses jovens buscam no CTG.

Assim, a geração dos dados realizou-se entre os meses de outubro e novembro do ano de 2013. Conseguiu-se a contribuição de 14 (quatorze) dos 24 (vinte e quatro) integrantes do grupo de dança artística adulta do CTG Recordando os Pagos. Dos 14 sujeitos da pesquisa, 7 (sete) são homens e 7 (sete) são mulheres.

### 3.1 ABORDAGEM ESTRUTURAL

Num primeiro momento, aplicou-se o instrumento de geração de dados para a abordagem estrutural, com o qual se visa a identificação do núcleo central e dos elementos periféricos da representação de dança tradicional no grupo. A aplicação do instrumento foi realizada durante os ensaios do grupo. Os ensaios ocorriam às sextas-feiras, com início às 23:00 horas e término a 01:00 hora da manhã, e aos domingos, com início das 9:00 horas às 13:00 horas. Por este motivo, ou seja, o breve espaço de tempo, fazíamos a aplicação com apenas quatro integrantes por ensaio. Para cada grupo de 4 sujeitos realizava-se inicialmente uma conversa introdutória, na qual se expunha os motivos da pesquisa, ressaltando-se a seriedade e importância da colaboração dos mesmos, especialmente por ser objeto de estudo dentro do programa de mestrado em Educação. Para tanto, assegurou-se o sigilo da identidade dos mesmos, buscando, sensibilizá-los a colaborarem com o estudo.

Para a abordagem estrutural, solicitou-se a cada indivíduo que escrevesse cinco palavras que para ele dão sentido às danças tradicionais gaúchas. E após essas palavras serem escritas, circulassem dentre as cinco palavras a que ele considerava a mais significativa, mais importante.

Mediante as palavras escritas por todos os participantes, realizou-se a tabulação dos dados gerados. A Tabela 01, abaixo, apresenta as respostas por dançarino. Cada dançarino é identificado por uma sigla (ex.: D1, etc., até D14). Foram transcritas as 5 palavras que cada um escreveu, destacando-se em negrito a palavra que foi “circulada”, representado a mais importante. Assim tem-se:



**TABELA 01** - Palavras apresentadas pelos entrevistados sobre os sentidos de dança gaúcha, com a finalidade de identificação do núcleo Central e elementos periféricos da representação social da Dança Tradicional Gaúcha.

SUJEITO	SEQUÊNCIA DE PALAVRAS APRESENTADAS				
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª
D1	Bem-estar	Amor	<b>Satisfação</b>	Responsabilidade	Respeito
D2	Respeito	<b>Amor</b>	Alegria	União	Amizade
D3	Alegria	<b>Emoção</b>	Amizade	Competição	Sonho
D4	<b>Família</b>	Felicidade	Amizade	Tradicionalismo	União
D5	Amizade	Cultura	Responsabilidade	<b>Função social</b>	Lazer
D6	Cultura	Amizade	Sintonia	<b>Prazer</b>	Competição
D7	<b>Paz</b>	Companheirismo	Amizade	Diversão	Grupo
D8	Cultura	<b>Amizade</b>	Respeito	Tradicionalismo	Alegria
D9	Competição	Espontaneidade	Adrenalina	<b>Amizade</b>	Vencedor
D10	<b>Amizade</b>	Respeito	Tradição	Alegria	Amor
D11	Brigas	Alegrias	Horários	Ensaios	<b>Amizade</b>
D12	Técnica	<b>Amor</b>	Disciplina	Empenho	Trabalho
D13	Dedicação	Amor	<b>Competição</b>	Suor	Alegria
D14	<b>Amor</b>	Amizade	Comprometimento	Disciplina	Profissionalismo

Fonte: tabela construída pelo autor a partir da pesquisa realizada entre outubro e novembro de 2013, junto aos componentes da internada artística adulta do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR.

Para determinação do núcleo central da representação social, foram tabuladas as palavras grifadas pelos participantes, como sendo a palavra mais importante. Destas, foram excluídas as que foram citadas uma única vez, pois, a construção do núcleo central se dá mediante as palavras que aparecem com maior frequência entre os membros do grupo. Assim, relacionam-se na Tabela 03, as palavras a serem analisadas nesta perspectiva:

**TABELA 02** - Palavras-chave para a identificação do núcleo Central e os elementos periféricos da Representação Social da Dança Tradicional Gaúcha por parte dos membros do grupo de dança artística adulta (2013) do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR.

INVOCAÇÃO	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	FREQUÊNCIA PERCENTUAL (%)	PALAVRA PRINCIPAL	FREQUÊNCIA PERCENTUAL (%)
<b>PALAVRAS DESCARTADAS</b>	<b>28</b>	<b>40</b>	<b>6</b>	<b>43</b>
Amizade	11	16	4	29
Alegria	6	9	0	0
Amor	6	9	3	21
Respeito	4	6	0	0
Competição	4	6	1	7
Cultura	3	4	0	0
Responsabilidade	2	3	0	0
Disciplina	2	3	0	0
União	2	3	0	0
Tradicionalismo	2	3	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>70</b>	<b>100</b>	<b>14</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa realizada entre outubro e novembro de 2013, junto aos componentes da invernada artística adulta do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR.

Para melhor compreensão da tabela acima, devemos relacionar e identificar a temática, através da abordagem estrutural da Representação Social. Conseqüentemente, devem-se relacionar as palavras citadas pelos sujeitos da pesquisa (dançarinos), em relação ao núcleo central e ao sistema periférico.

De acordo com a compreensão teórica e conceitual, "o núcleo é determinado pela natureza do objeto representado, pelo tipo de relação que o grupo tem com esse objeto, e pelo sistema de valores e normas compartilhados" (ABRIC, 1998, *apud* JUSTOS, 2012, p. 36). Pode-se identificar como composição do núcleo central as palavras "**amizade**" e "**amor**", uma vez que são as citadas com maior frequência como *palavra principal* (circulada pelos dançarinos, e em destaque na Tabela 01), uma vez que se relacionam com o sentido da dança tradicional gaúcha para os dançarinos pesquisados.

As demais palavras da Tabela 01, citadas duas vezes ou mais, foram então, listadas na Tabela 02. Dentre estas palavras, podem ser compreendidas como compondo os elementos periféricos ("alegria", "respeito", "competição", "cultura", "responsabilidade", "disciplina", "união" e "tradicionalismo"), visto que foram relacionadas com maior frequência, excetuadas as que determinam o núcleo central.

Em Representações Sociais, na abordagem estrutural, além do núcleo

central da representação, há também o sistema periférico. “O sistema periférico, por sua vez, é a parte mais acessível e mais viva de uma representação e seu papel resume-se nas funções de: concretização, regulação, prescrição de comportamentos, proteção no núcleo e personalização” (ABRIC, 2003, *apud* JUSTOS, 2012, p. 36). Assim, o sistema periférico ajuda a compreender a Representação Social, trazendo os demais elementos que compõem os sentidos da mesma.

Ressalta-se que as Representações Sociais são construídas mediante as ações sociais dos elementos formadores do grupo, atuando como elementos transformadores dessas ações. Tem-se, assim, a tríade: grupo, ações e ideias. Logo, como as Representações Sociais são construídas por sujeitos, essas relações são passíveis de mudanças. Esse é um pressuposto do próprio Moscovici, quando apresenta a teoria da Representação Social. A dinâmica social e as contínuas transformações são contempladas, pois, segundo Moscovici, a Representação Social é constituída mediante a relação de sujeitos, o que a torna, necessariamente, uma teoria dinâmica, promovendo um conhecimento que se altera continuamente. Isso possibilita entender que

O conhecimento emerge do mundo onde as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão, satisfação ou frustração, ou seja, emerge dos sentimentos ou emoções, envolve interesses e é resultado de ações compartilhadas coletivamente em um determinado grupo social empenhado em projetos definidos (SILVA, 2009, *apud* MESQUITA; ALMEIDA. 2009, p. 39).

Logo, como a Representação se dá na interação entre as pessoas de um grupo social, essa organização se desenvolve de forma dinâmica, podendo sofrer mudanças, o que altera também, as "motivações" que estruturam o núcleo central e até mesmo, a Representação Social. Como ressalta Silva (2009 *apud* MESQUITA; ALMEIDA, 2009, p. 39), “na sociedade, as representações sociais acontecem de forma dinâmica, no movimento de interação entre os sujeitos, na cultura onde estão inseridos”.

Assim, os elementos periféricos, deste estudo (*respeito, competição e cultura*), que aparecem com uma grande frequência, embora não construídas como elementos de elaboração do núcleo central, poderão, em algum momento, ser

consideradas como núcleo central, pois, sabemos que o núcleo central não é rígido, podendo assim haver mudanças.

De forma sucinta pode-se entender, a partir dos dados gerados para este estudo, que o núcleo central da representação de Danças Tradicionais Gaúchas para o elenco de dança adulto do CTG Recordando os Pagos (2013) é: “**amizade**” e “**amor**”, pois são as representações citadas como sendo as mais relevantes. Note-se que a amizade é, fundamentalmente, uma forma de amor, “o amor parece ser a virtude característica dos amigos, de modo que só aqueles que amam na medida justa são amigos duradouros, e só a amizade destes resiste ao tempo” (ARISTÓTELES, 1973, p. 387). Amor e amizade, portanto, são elementos de coesão que constituem o núcleo central da Representação Social do grupo. Os elementos que dão sentido e proteção a esse núcleo central, constituindo os sistemas periféricos são "alegria", "respeito", "competição", "cultura", "responsabilidade", "disciplina", "união" e "tradicionalismo".

### 3.2 ABORDAGEM PROCESSUAL

Relembrando que, enquanto na abordagem estrutural se identificam o núcleo central e os elementos periféricos da Representação Social, na abordagem processual buscam-se os elementos constituintes da objetivação e da ancoragem da Representação Social. Conforme dito acima, o segundo instrumento de geração de dados, visando compreender a representação social de dança a partir da abordagem processual, utilizou-se de um questionário com 09 (nove) perguntas abertas, a serem respondidas de forma descritiva, com o intuito de verificar os processos de ancoragem e a objetivação da Representação Social da dança tradicional gaúcha no grupo estudado.

Optou-se por manter as mesmas denominações empregadas na primeira abordagem para identificar os dançarinos e suas respostas, ou seja, uma identidade numérica, em ordem crescente, Dançarino 1 – D1, Dançarino 2 – D2, Dançarino 3 – D3 e assim sucessivamente.

Para obter uma noção geral dos entrevistados, apresenta-se neste momento uma organização em quadros das perguntas e respostas dos dançarinos, quando se busca informações para uma compreensão de representação do grupo quando se trata de dança tradicional gaúcha.

A primeira questão busca saber a ligação desses dançarinos com o CTG, principalmente, com a dança tradicional gaúcha: *Quanto tempo dança?* Frisou-se aos entrevistados que os mesmos deveriam contabilizar "todo" o tempo em que exerciam a prática da dança tradicional gaúcha, sendo ou não no CTG Recordando os Pagos. As respostas obtidas foram listadas na Tabela 04, como segue:

**TABELA 03** - Tempo em anos que os participantes do grupo de dança artística adulta (2013) do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR exerce a prática da dança tradicional, independente da instituição.

DANÇARINO	QUANTO TEMPO DANÇA? (ANOS)
D1	25
D2	5
D3	8
D4	15
D5	4
D6	10
D7	0,125 (45 dias)
D8	10
D9	10
D10	14
D11	22
D12	19
D13	1
D14	0,67 ( 8 meses)

**Fonte:** Tabela construída pelo pesquisador a partir da pesquisa realizada entre outubro e novembro de 2013, junto aos componentes da internada artística adulta do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR.

Verifica-se que o dançarino com maior tempo dedicado à dança tradicional gaúcha é de 25 anos, enquanto a menor tempo de dança é de 45 dias, entre os entrevistados, apenas 03 (três) dançarinos tem contato com a dança tradicional há um ano ou menos, enquanto os demais (onze) variam entre 4 e 22 anos, tendo uma média de 12,91 anos. A média geral entre os dançarinos entrevistados, incluindo os 4 dançarinos com menos de um ano, no que tange ao tempo em que dançam a dança tradicional gaúcha é de 10,27 anos

A segunda questão foi: *Há quanto você está no grupo de dança?* (TABELA 04). Essa questão compreende o tempo que faz parte do grupo de dança do CTG Recordando os Pagos, possibilitando identificar há quanto tempo esse grupo social está junto, participando dos ensaios e festivais, construindo as suas representações sociais.

**TABELA 04** - Tempo em anos que os participantes do grupo de dança artística adulta (2013) do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR exerce a prática da dança tradicional, na instituição.

DANÇARINO	HÁ QUANTO VOCÊ ESTÁ NO GRUPO DE DANÇA? (ANOS)
D1	4
D2	3
D3	5
D4	4
D5	3
D6	9
D7	0,125 (45dias)
D8	9
D9	5
D10	4
D11	11
D12	9
D13	1
D14	0,67 (8 meses)

**Fonte:** Tabela construída pelo pesquisador a partir da pesquisa realizada entre outubro e novembro de 2013, junto aos componentes da internada artística adulta do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR.

Conforme os dados, verifica-se que o integrante com maior tempo de permanência neste grupo é de 11 (onze) anos (D11) e o integrante com menor tempo no grupo é de 45 dias. Pelo cálculo, a média de permanência no grupo é de 4,84 anos de participação no CTG Recordando os Pagos. Dos 14 entrevistados 11 (onze), ou seja, a grande maioria, estão no grupo numa média a 6 (seis) anos. Isso porque muitos dos entrevistados, já dançavam no grupo artístico juvenil do referido CTG, e que, automaticamente passaram de categoria ao chegarem à maioridade.

Mesmo sabendo que a expressiva diferença de tempo de participação dos sujeitos enquanto membros do grupo de dança pode trazer maior variação na representação, pois participar do grupo significa estar ligado às ações e regras tradicionalistas. A terceira pergunta quer saber: *Quais são os elementos que representam a cultura gaúcha pra você?* As respostas estão listadas na Tabela 05:

**TABELA 05** - Quais são os elementos que representam a cultura gaúcha para os integrantes do grupo de dança artística adulta (2013) do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR.

DANÇARINO	QUAIS SÃO OS ELEMENTOS QUE REPRESENTAM A CULTURA GAÚCHA PARA VOCÊ?
D1	Dança, música, linguagem
D2	Bombacha (roupa), jeito de falar, os objetos da cultura gaúcha, chimarrão.
D3	Chimarrão, bombacha, cavalo, dança
D4	Instrumentos típicos regionais (gaita, rabeca, viola) comida típica.
D5	Pilcha, músicas nativistas, história do Rio Grande do Sul, poemas, dança, respeito aos mais velhos.
D6	Liberdade, igualdade, humanidade, tradicionalismo.
D7	Costumes, crenças, jeito de se portar, jeito de andar, jeito do cumprimento, jeito de falar, jeito de se vestir, uma cultura diferenciada.
D8	A cultura gaúcha pode ser representada em aspectos físicos como roupas, comidas, danças e também em aspectos como o sentimento de cada um que leva em si o tradicionalismo. Para mim o que melhor representa a cultura gaúcha é a cultura que se passa de geração para geração, através dos CTGs.
D9	Dança, representação da época, os trajes.
D10	A dança, a bombacha, o lenço e o poncho, o chimarrão e o churrasco.
D11	Danças, bandeiras, chimarrão, churrasco, amizades.
D12	Dança, churrasco, chimarrão, cavalo, bailes.
D13	Pilchas, chimarrão, rodeios
D14	Tradicionalismo, modo de expressar e de comunicar diante dos demais, culinária, vestimenta, cultura o amor, o espírito de liberdade.

**Fonte:** Tabela construída pelo pesquisador a partir da pesquisa realizada entre outubro e novembro de 2013, junto aos componentes da internada artística adulta do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR.

Um dos elementos que se destaca nas respostas dos dançarinos é a dança. Dos quatorze entrevistados, oito mencionam a dança como um dos elementos que caracteriza a cultura gaúcha. Cortes, afirma que “a dança é um dos principais divulgadores da cultura gaúcha”.

Pode identificar-se, na fala dos dançarinos, os elementos nos quais ocorre a ancoragem da Representação Social. Compreende-se como ancoragem o movimento realizado pelo sujeito para tornar algo não conhecido, o não-familiar em familiar, constituindo, assim, suas representações, neste caso, com relação a cultura gaúcha. Conforme Moscovici (2004, p. 61):

Ancoragem – esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser

apropriada. É quase como que ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizadores) de nosso espaço social.

Nesta perspectiva, chama-se a atenção à resposta do D7 que, mesmo com reduzido tempo no grupo social (45 dias) à época da geração dos dados, em sua resposta, verifica-se o partilhamento da representação social na "transmissão" de sentidos e valores que ocorre no que tange aos elementos que representam a cultura gaúcha, conforme cita: "*Costumes, crenças, jeito de se portar, jeito de andar, jeito do cumprimento, jeito de falar, jeito de se vestir, uma cultura diferenciada*" (D7, 2013). Nota-se que esta resposta traz elementos importantes sobre a tradição gaúcha e sua caracterização, muito semelhante ao que o D11 (dançarino há 22 anos, sendo 11 no CTG Recordando os pagos) responde sobre a mesma questão, *Danças, bandeiras, chimarrão, churrasco, amizades*.

As respostas apresentam a tradição gaúcha como uma identidade cultural de forte expressão, pois até mesmo os que fazem parte da mesma há pouco tempo conseguem identificar suas características. Uma das formas de compreender tal reconhecimento na cultura gaúcha pode ser feita com base nas discussões de Golin (2004), quando fala da cultura gaúcha como sendo imposta de forma arbitrária a todos, fazendo com que a mesma seja considerada uma cultura de massa.

[...] coloco em relevo o aspecto dominante da representação rio-grandense reconhecida como cultura de massa, procurando demonstrar o seu processo formativo, sem desconhecer os diversos movimentos subjacentes e marginalizados, e a condição histórica impeditiva de uma harmonização exclusiva da identidade gentílica. (GOLIN, 2004, p. 7).

Segundo as discussões de Golin (2004), a representação do gauchismo, no modo como está generalizado, corresponde a uma construção interessada dos grupos dominantes, não sendo propriamente uma cultura de massas.

A questão seguinte pergunta aos dançarinos, sujeitos da pesquisa: *O que faz você sentir que faz parte da cultura gaúcha?* (TABELA 06) A pergunta tem o intuito de saber o que já havia sido ancorado, ou seja, o que pra eles já estaria familiarizado, não sendo mais estranho, possibilitando sua incorporação ao grupo social de dançarinos.



**TABELA 06** - O que faz os integrantes do grupo de dança artística adulta (2013) do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR, se sentirem parte da cultura gaúcha?

DANÇARINO	O QUE FAZ VOCÊ SENTIR QUE FAZ PARTE DA CULTURA GAÚCHA?
D1	Modo de vida, a cultura em minha visão é um estado de comportamento vivencial, um modo de levar a vida perante conceito e opiniões.
D2	O prazer, dançar com as piazadas.
D3	O gosto pela cultura, o amor pela dança
D4	O convívio com pessoas que cultivam nossos costumes através das danças cantigas e utilização de trajes de época.
D5	O interesse pela história do Rio Grande do Sul, o encanto pelas pilchas, músicas nativistas e suas letras, a dança, a vivência dentro do CTG nos momentos livres.
D6	Atuar, viver, respirar o tradicionalismo dia -a -dia.
D7	Certos laços familiares, todos aqui dentro estão aqui por que gostam, então cada um tem um motivo. O meu é por que a cultura gaúcha é um exemplo de respeito e dedicação.
D8	O sentimento de que faço parte da cultura gaúcha, surgiu quando percebi que estava dependente da tradição para minha satisfação pessoal.
D9	A minha paixão e dedicação e a vontade de conhecer e aprender e estar constantemente inserido no meio.
D10	O CTG é o que me faz sentir como parte da cultura gaúcha, através da dança tradicionalista.
D11	O meu amor pela dança, pelos costumes e festivais gaúchos.
D12	Poder ensinar e incentivar pessoas a cultivar uma tradição.
D13	Dançar em um grupo gaúcho.
D14	A emoção que quando pisa em um tablado seja para um ensaio ou apresentação, ocorre algo diferente do comum que é inexplicável parecendo estar em um outro mundo, sentindo mais fortalecido na batalha do dia a dia, o conhecimento que vai adquirindo com os outros que cultivam a tradição, e um aprendizado que marca na vida para sempre.

**Fonte:** Tabela construída pelo pesquisador a partir da pesquisa realizada entre outubro e novembro de 2013, junto aos componentes da internada artística adulta do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR.

Percebe-se que a dança, para quem participa do Grupo de Danças, passa a ter um papel de elo entre o dançarino e a cultura gaúcha. Pode-se salientar, a partir das respostas dos dançarinos, sobre seu sentimento de pertença à cultura gaúcha, que ele percorre um processo da educação não-formal. Neste sentido, destaca-se a fala de D4 enfatiza a questão do *convívio com pessoas que cultivam a tradição*. Nesta mesma linha segue a resposta do D12 quando declara *poder ensinar e*

*incentivar pessoas a cultivar uma tradição.*

A ação que ocorre em meio a vivência dos dançarinos e todos que fazem parte do CTG, mostra a presença ativa da educação não-formal, ainda mais quando sabemos que a educação não-formal vem carregada de valores culturais, com o intuito de socializar os indivíduos, desenvolvendo hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou a que pertence por herança.

Este dado da integração a um grupo social, por intermédio da educação não-formal, também aparece na resposta de D9, que afirma: *A minha paixão e dedicação e a vontade de conhecer e aprender e estar constantemente inserido no meio.*

A quinta pergunta visa compreender o que os dançarinos vêm buscar no Centro de Tradição Gaúcha: *O que você vem buscar no grupo de dança do CTG?* (TABELA 07)

**TABELA 07** - O que os integrantes do grupo de dança artística adulta (2013) do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR, vem buscar neste grupo de dança tradicional gaúcha?

DANÇARINO	O QUE VOCÊ VEM BUSCAR NO GRUPO DE DANÇA DO CTG?
D1	O reacendimento mútuo e diário de nossa cultura
D2	Amigos, gosto de dança e respeito
D3	Amizade verdadeira
D4	Trazer informação relacionada a dança tradicional gaúcha.
D5	Companheirismo, diversão, determinação
D6	Satisfação, emoção, amizade
D7	Amizade, alegria, desafios e aprender a dançar bem assim como o pessoal que já dança a bastante tempo.
D8	Além da amizade, eu busco prazer, e a dança me traz.
D9	O grupo de dança no CTG pra mim é um refúgio, um lugar onde no tablado eu posso me tornar outra pessoa então eu busco um refúgio.
D10	Fazer parte de uma família, ganhando ou perdendo, mas sempre juntos
D11	A convivência com os meus amigos, a conquista de ganhar o FEPART, uma atividade física.
D12	Amizades, resultados em concursos, realização profissional e pessoal
D13	Bem-estar
D14	Reconhecimento, alegria, liberdade.

**Fonte:** Tabela construída pelo pesquisador a partir da pesquisa realizada entre outubro e novembro de 2013, junto aos componentes da internada artística adulta do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR.

Podemos observar nas respostas que o relacionamento entre os membros do

CTG e, especialmente, entre os membros do grupo de dança é peça fundamental na construção da representação social. Conforme Moscovici, a representação social é algo dinâmico e que ocorre mediante um grupo de sujeitos.

A amizade, na abordagem processual, também é ressaltada como algo relevante e significativo na relação interpessoal entre os membros do grupo de dança. Conforme se viu acima, ela constitui o núcleo central da representação, segundo a abordagem estrutural. Pode-se salientar, então que, na representação de dança tradicional gaúcha, além de todas as possibilidades de avivamento da cultura gaúcha que a dança propicia, a amizade (relação entre os participantes) é um dos motivos pelos quais eles vêm ao grupo de dança e é, também, o que os mantêm no grupo.

De acordo com o relato dos dançarinos, na abordagem estrutural, a amizade foi a palavra colocada como a palavra mais importante, por aparecer com mais frequência.

A organização de uma representação apresenta uma característica particular: não apenas os elementos da representação são hierarquizados, mas além disso toda representação é organizada em torno de um núcleo central, constituído de um ou de alguns elementos que dão à representação o seu significado” (ABRIC, 1994, p.19 *apud* SÁ, 1996, p. 62).

Entende-se que a amizade possa não ser o único elemento formador do núcleo central, mas assim como apresenta uma maior enunciação, podemos destacá-la como constituinte da representação social da dança tradicional gaúcha, segundo a teoria das representações sociais.

A sexta pergunta versa sobre: *Quem motivou você a participar do CTG grupo de dança?* (TABELA 08).

**TABELA 08** - O que motiva os integrantes do grupo de dança artística adulta (2013) do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR, a participar neste grupo de dança tradicional gaúcha?

DANÇARINO	QUEM MOTIVOU VOCÊ A PARTICIPAR DO CTG GRUPO DE DANÇA?
D1	Meus pais e um amigo
D2	Meus pais
D3	Meu pai
D4	O professor de dança do CTG
D5	O meu pai
D6	Irmão
D7	Marido
D8	Meus primos
D9	Um amigo
D10	Eu mesmo
D11	Minha namorada
D12	Um convite da diretoria
D13	Eu mesmo
D14	Primo, pais

**Fonte:** Tabela construída pelo pesquisador a partir da pesquisa realizada entre outubro e novembro de 2013, junto aos componentes da invernada artística adulta do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR.

Podemos destacar a presença da família, nas respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa, enquanto um elo entre eles e o CTG. A entrada no Grupo de Dança ocorreu por meio de alguém próximo, em geral já pertencente do grupo social.

A pergunta seguinte tem como objetivo ajudar a evidenciar representação social de dança: *O que motiva você a participar do CTG grupo de dança?* Acredita-se que as respostas possibilitam compreender o processo de objetivação do sentido de dança no grupo pesquisado.

**TABELA 09 - O que motiva você a participar do CTG grupo de dança**

<b>DANÇARINO</b>	<b>O QUE MOTIVA VOCÊ A PARTICIPAR DO CTG GRUPO DE DANÇA?</b>
D1	Minha família e a satisfação de fazer o que gosta
D2	Adrenalina, a invernada, a dança, o sentimento
D3	O envolvimento e o empenho de todos os integrantes do CTG em busca do cultivo às nossas raízes.
D4	O gosto pela dança
D5	O grupo mesmo
D6	A mensagem que transmitimos aos que pertencem a esse meio.
D7	Gostar da cultura, e gosto muito de dançar acho que é bom aprender. A dançar as músicas tradicionais e a adrenalina de estar no espírito esportivo.
D8	A competição, a amizade, e o gosto pela dança.
D9	A dança, o prazer e realização que ela me dá.
D10	A paixão pelo que faço e a emoção de estar na pista de dança.
D11	Os meus amigos, o gosto pela dança e não ter ganhado o FEPART ainda.
D12	Resultados positivos
D13	Vontade de competir e estar em um lugar com amigos.
D14	Superar meus próprios obstáculos, reconhecer-me além da dança, confrontar o ego.

**Fonte:** Tabela construída pelo pesquisador a partir da pesquisa realizada entre outubro e novembro de 2013, junto aos componentes da invernada artística adulta do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR.

Entre as motivações citadas pelos dançarinos, a competição é citada por 5 deles. A competição é algo que ocorre durante os circuitos classificatórios e nos próprios Festivais. A representação da competição e o espírito esportivo constituem parte dos elementos periféricos da representação em danças tradicionais gaúchas, conforme visto na abordagem estrutural acima, enquanto protegem e dão consistência ao núcleo central de amor e amizade. Os demais elementos da representação social de dança, segundo a abordagem processual, serão abordados mais abaixo.

A próxima pergunta visa avaliar os efeitos que a participação no grupo possa ter sobre os sujeitos: *Sua opinião sobre o grupo de dança modificou-se desde que entrou até agora?*

**TABELA 10 - Sua opinião sobre o grupo de dança modificou-se desde que entrou até agora**

DANÇARINO	SUA OPINIÃO SOBRE O GRUPO DE DANÇA MODIFICOU-SE DESDE QUE ENTROU ATÉ AGORA?
D1	Minha opinião é que nada se termina, tudo se renova, idéias, métodos de vida, prioridades, são os motivos. Ninguém é insubstituível, mas é bom se renovar.
D2	Modificou-se, a partir da saída de alguns integrantes a diminuição da cobrança, tendo o amor pela dança como incentivo a continuar.
D3	Neste período de aproximadamente 4 anos a mudança faz parte de uma evolução natural.
D4	Sim a evolução foi acentuada visando os concursos e a qualidade da dança.
D5	Modificou muito eu não sabia nada de dança.
D6	No início – potencial, porém sem informação, segundo momento, potencial com informação e num terceiro momento potencial sem informação um desnível.
D7	Faz muito pouco tempo que eu estou aqui dentro então, nesse período curto, tudo esta igual.
D8	Sim. No início achava que o compromisso não era tanto, e não imaginava que o amor pelo grupo e pela dança tomasse dimensões tão grandes.
D9	Não, acredito que os objetivos agora exigem mais tempo e dedicação, mas minha opinião e sentimento continuam os mesmos, o grupo de danças além de ser um lazer é um compromisso que exige disciplina e determinação.
D10	Mudaram completamente, nestes quatro meses que faço parte desta invernada, pude notar que são guerreiros, amam o que fazem e estão prontos para quaisquer obstáculos que possa entrar em sua frente. São uma verdadeira família.
D11	Sim, muito. Já passamos por várias fazes. A de um grupo comum, não reconhecido a um grupo que tinha que estar sempre em 1º e sofrendo uma pressão enorme. Hoje a dança e a amizade esta acima da concorrência.
D12	Sim, acredito que as pessoas mudam os objetivos mudam conseqüentemente minha opinião também muda.
D13	Sim. No início não entendia o que fazia com que um grupo de pessoas ficasse até altas horas da noite ensaiando.
D14	Mudou em alguns aspectos por estar adentro participando se doando, então nota a importância para todos que estão envolvidos

**Fonte:** Tabela construída pelo pesquisador a partir da pesquisa realizada entre outubro e novembro de 2013, junto aos componentes da invernada artística adulta do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR.

A partir das respostas podemos começar a compreender a representação social enquanto processo dinâmico. Encontramos, em algumas das falas, indicativos das mudanças na construção da representação social de dança, desde que entrou para o grupo. Isso aparece na fala do D11 - *Sim, muito. Já passamos por varias fazes. A de um grupo comum, não reconhecido a um grupo que tinha que estar*

*sempre em 1º e sofrendo uma pressão enorme. Hoje a dança e a amizade está acima da concorrência.* Podemos ressaltar que a Representação de dança tradicional desse dançarino (a), inicialmente estava voltada extremamente a competição, na busca da perfeição e de resultados. Isso está indicado na expressão de que *“um grupo que tinha que estar sempre em 1º”*. Para que esse resultado se concretizasse e fosse conquistado o D11 afirma que ficavam *“sofrendo uma pressão enorme”*. A cobrança pela competição, acima das relações de amizade, poderia estar vindo da sociedade tradicionalista, que promove os grupos de dança, ou dos próprios dançarinos. De toda forma, a competição, a disputa entre os grupos é algo estranho, que não é próprio do tradicionalismo e que se inseriu nas representações sociais dos sentidos de dança tradicional gaúcha. Nesse aspecto Golin faz críticas aos festivais.

[...] a análise sobre as disputas entre invernadas artísticas, alimentadoras dos ódios entre CTGs, ao exercitarem nos concursos gaudérios a “eliminação” do outro. Neles, a cultura serve tão-somente para pendengas e não para a confraternização de espaços humanamente solidários. (GOLIN, 2004, p. 35-36).

Quando D11, afirma que *“hoje a dança e a amizade está acima da concorrência”*, compreende-se a dinâmica da representação social, que está em movimento, ressaltando-se não mais a competição entre grupos, mas o relacionamento entre os sujeitos pertencentes ao grupo social de dançarinos. Essa representação mostrou-se relevante para esse momento do grupo.

Saliente-se que o grupo de dança, no ano de 2013, estava passando por uma reestruturação, alguns dançarinos se desligaram enquanto novos dançarinos chegaram ao grupo, fato que fica claro na fala do D2 *“Modificou-se, a partir da saída de alguns integrantes a diminuição da cobrança, tendo o amor pela dança como incentivo a continuar”*. Com essa saída, o grupo perdeu cerca de um terço de seus dançarinos; porém, em contrapartida, novas pessoas entraram, dinamizando as representações sociais do grupo. É possível supor que a mudança de componentes do grupo influenciou a nova postura, o que produziu novas representações sociais da dança, conforme se percebe na fala do colaborador D11.

Essa mudança no elenco de dança também aparece na fala do dançarino D10, *“Mudaram completamente, nestes quatro meses que faço parte desta invernada, pude notar que são guerreiros, amam o que fazem e estão prontos para*

*qualquer obstáculo que possa entrar em sua frente. São uma verdadeira família”.*

A menção a obstáculos refere-se à saída de parte dos dançarinos e, mesmo com a entrada de novos componentes, acarretou a diminuição dos componentes do grupo de dança. Isso fez com que todos os dançarinos que permaneciam no grupo trabalhassem juntos para conseguir fazer com que novas pessoas pudessem entrar e preencher o lugar dos que saíram, para assim o grupo de dança continuar. Esse acontecimento, uma ação em conjunto, fez ressaltar o tema da amizade enquanto uma representação de dança, que tanto aparece nas falas dos dançarinos, mencionando que *“São uma verdadeira família”.*

Na análise das falas verifica-se uma explosão de sentimentos nas respostas dos dançarinos. Levando-se em conta que, ao tratarem um campo das artes que se consolida na sensibilidade dos dançarinos, a dança tem esse poder de atuar no universo das emoções e sentimentos das pessoas. Trata-se de vivências estéticas que muitas vezes não são concretizados em palavras, mas que constituem a forma mais consistente de objetivação da representação social. A sensibilidade e as emoções dos dançarinos não impedem que sejam trabalhados os aspectos técnicos da dança. Mas eles passam a constituir as formas de ancoragem da representação social da dança, como podemos perceber na fala do D4, *“Sim a evolução foi acentuada visando os concursos e a qualidade da dança”.* A representação social como já foi frisado é dinâmica e pode haver mudanças nas formas de objetivação e ancoragem. Noutro momento provavelmente a representação social de dança tradicional gaúcha do grupo ressalte outros aspectos, como a conquista de festival ou os aspectos lúdicos da dança, por exemplo.

Para completar a geração dos dados, uma última questão foi proposta aos dançarinos, para compreender-se a representação social de dança dos membros do Grupo de Dança do CTG Recordando os Pagos, de Francisco Beltrão, PR: *Qual é a importância (valor social, cultural e ético) da dança tradicional?* O resultado obtido foi tabulado da seguinte forma. Tabela 11.



**TABELA 11** - Qual é a importância (valor social, cultural e ético) da dança tradicional

DANÇARINOS	QUAL É A IMPORTÂNCIA (VALOR SOCIAL, CULTURAL E ÉTICO) DA DANÇA TRADICIONAL?
D1	Reconhecimento, sabedoria, compreender vários aspectos relativos à dança. Social seria a sociedade em si.
D2	A presença em um grupo tradicional que transmite cultura e educação evita que essas pessoas estejam em lugares ruins.
D3	Socialização, inclusão social, trabalho em equipe, transmitir bons costumes.
D4	Com ela a gente aprende a cultivar amizades, ter disciplina, respeito, a trabalhar em grupo. A dança hoje pra mim é a coisa que me faz mais feliz.
D5	Transmitir os valores consagrados dos seres humanos. Nada é mais importante do que o evoluir, não só nas artes, mas no aprendizado e na intelectualidade
D6	É a representação de uma época, a dança tradicional agrega muito na vida social, cultura e ética da pessoa, pois necessita de conhecimento de época, convívio com um grupo e respeito com o próximo.
D7	Ela agrega valor às pessoas, pois é considerada como uma educadora. Percebo que as pessoas vêem jovens tradicionalistas como pessoas melhores.
D8	Ela modifica a gente, gosto de dançar e isso ajuda muito. Mas a cultura em si deixa a gente mais motivado sou novo no CTG mas já me sinto velho aqui dentro.
D9	O aprendizado de viver em sociedade, respeitar à opinião alheia e o conviver em grupo.
D10	O amor à dança e os valores não tem custo.
D11	O respeito pela tradição com às pessoas e o convívio da família.
D12	É o que mais nos aproxima de nossos antepassados, resgatamos através da dança muito de nossas origens, que é necessário a cada um de nós.
D13	A dança nos ensina a ter respeito em um grupo a ter respeito com as mulheres e os mais velhos ensina a trabalhar em grupo, a se expressar diante a uma multidão.
D14	Satisfação em fazer o que gosto, sentido de expressão, atividade física (ótimo para a saúde), envolvimento direto ou indireto com pessoas de seu meio de vida, família.

**Fonte:** Tabela construída pelo pesquisador a partir da pesquisa realizada entre outubro e novembro de 2013, junto aos componentes da internada artística adulta do CTG Recordando os Pagos – Francisco Beltrão/PR.

Durante as entrevistas, percebeu-se a dificuldade dos dançarinos em responder a essa questão. Porém, podemos estreitar significados com relação à educação não-formal, pois fica evidente a ação educacional que ocorre dentro do Centro de Tradições Gaúchas. Ele é um espaço no qual os dançarinos encontram valores significativos, tais como respeito, abordado pelo D13, D11, D6, D4.

No sentido da educação não-formal, pode-se destacar a fala do D2 “A presença em um grupo tradicional que transmite cultura e educação evita que essas

*peças estejam em lugares ruins”, e a fala do D7 “Ela agrega valor as pessoas, pois é considerada como uma educadora, percebo que as pessoas veem jovens tradicionalistas como pessoas melhores”. As trocas de informação, valores e conhecimento são elementos trazidos pelos dançarinos durante os ensaios, momentos nos quais eles interagem intensamente.*

Palavras como “socialização” e “aprendizado”, citadas pelos dançarinos, evidenciam ações que constituem a representação social desse grupo em relação à dança tradicional gaúcha. Os elementos “socialização” e “aprendizagem” são constituintes da representação de dança que estão pautados na amizade, envolvendo outros sentimentos, como o prazer com a dança, amor, paixão e dedicação a essa cultura.

### 3.2.1 A ancoragem

A representação social consiste em uma teoria que estuda as ações e as ideias de sujeitos, na dinâmica de sua vida social. A representação é constituída nas relações ou acaba por ser incorporada pela pessoa no momento em que ela se insere em um grupo de pessoas. Por isso a representação é sempre social, ela ocorre entre as pessoas que compartilham das mesmas ideias e valores. A representação é, então, esse elo que dá coesão e consistência ao grupo, fazendo com que esses sujeitos se socializem. Na medida em que a representação, que unia o grupo e estabelecia as relações entre seus membros, perder seu valor e não for substituída por outra representação social, o grupo tende a se desagregar. Este pode ter sido o fator que levou a uma substituição tão significativa dos membros do Grupo de Dança do CTG Recordando os Pagos, entre 2012 e 2013, quando mais da metade dos dançarinos que compunham o grupo anteriormente se desligou, acarretando a entrada de um expressivo número de novos dançarinos.

A forma pela qual os sujeitos de um grupo constroem suas representações sociais ocorre por meios de dois processos que dão o sentido e valor da representação aos sujeitos. Conforme já mencionado, esses processos são chamados por Moscovici, ancoragem e objetivação.

Para Moscovici (2004), o sujeito compõe categorias na convivência social. Estas fazem com que ele construa uma compreensão dos elementos e ações que compõe a organização da sociedade. Segundo a teoria das representações sociais,

são esses conhecimentos que fazem com que o sujeito possa se sentir parte ou não de uma determinada organização social.

Os sentidos dados às ações ou objetos que constituem um grupo social são feitas ou interpretadas pelos sujeitos em interação, de forma dinâmica. Portanto, tais sentidos podem se alterar com frequência, constituindo uma nova interpretação ou representação social, possibilitando compartilhar ações que até então não estavam em seu conhecimento.

Isso ocorre através da ancoragem que, segundo Moscovici (2004), é um dos processos de formação das representações sociais. A ancoragem permite que algo desconhecido seja incorporado às categorias por ele já construídas. Tal processo permite uma comparação dos elementos novos ou desconhecidos com algo já pertencente à sua rede de compreensões.

Pela teoria das representações sociais de Moscovici (1981, p.188), a ancoragem trata da possibilidade de “categorizar o não categorizável ou nomear o não nomeável”. Nessa dinâmica, quando um sujeito faz esse exercício, ele está construindo uma representação. A função da ancoragem é mudar o status de algo não conhecido em conhecido, não familiar em familiar, construindo um novo conhecimento, pois relaciona o novo objeto ao objeto já conhecido.

A dança é uma das formas mais utilizadas para a divulgação da cultura gaúcha. Em nossa pesquisa, podemos relacionar o processo de ancoragem quando os dançarinos, ao responderem sobre o que são, para eles, os elementos constituintes da cultura gaúcha, eles destacam a importância da dança. Dos 14 (quatorze) dançarinos, 8 (oito) afirmaram que a dança é um dos mais importantes elementos formadores da cultura tradicional gaúcha.

Conforme se viu nas entrevistas, a dança como ancoragem da cultura gaúcha entre os dançarinos está relacionada à amizade, fortemente considerada entre os sujeitos pertencentes ao grupo. Entre outros fatores, deve-se ter em conta que todos os entrevistados entraram em contato com o grupo ou com a dança por convite de amigos ou familiares que já participavam de grupos de dança. A relação de categorização que os dançarinos fazem com a dança é primeiramente com a amizade, pois o fator que os levou a frequentar o grupo foi a amizade. Em função disso, quando perguntado a eles o que vêm buscar no CTG, oito entre os quatorze trazem a amizade, o companheirismo como sendo elemento principal, conforme se observa nas falas do D2, “*amigos, gosto de dança e respeito*”, já o D3 traz a

seguinte fala, “*amizade verdadeira*” o D7, faz a seguinte fala “*amizade, alegria, desafios e aprender a dançar bem assim como o pessoal que já dança há bastante tempo*”. A amizade, que na abordagem estrutural é constituinte do núcleo central da representação social de dança tradicional gaúcha entre os dançarinos do grupo do CTG Recordando os Pagos, aparece também na abordagem processual.

### 3.2.2 A objetivação

A objetivação é o processo de construção de uma imagem do objeto representado. Pela objetivação se transforma algo abstrato em concreto, ou seja, se consegue traduzir um conceito em uma imagem. Para isso, exige-se uma organização em etapas para concretização da ação.

Uma das etapas consiste na reunião de várias informações e ideias acerca de um objeto. Muitas vezes, o sujeito necessita descontextualizar essas informações, que estavam relacionadas com o seu contexto cultural de origem para novamente contextualizá-las em novo ambiente cultural. Nesse segundo momento, na recontextualização, o ponto de partida são as suas informações que se referem às experiências e valores imbuídos nesse sujeito, que necessitam ser re-significados para ancorar o novo contexto cultural. Feito isso, inicia-se a etapa seguinte. Nesta última etapa ocorre o processo de naturalizar as informações do novo contexto e relacioná-las com a materialidade do que está sendo adquirido.

Segundo Silva (2009, p. 41): “Objetivação é o modo como se constituem os elementos de uma representação social e o trajeto através do qual adquirem materialidade”. Podemos entender que objetivar é o processo responsável para a construção do conceito que se materializa em uma imagem.

Nesse sentido, podemos afirmar que o processo de objetivação dos dançarinos do Centro de Tradições Gaúchas Recordando os Pagos de Francisco Beltrão –PR, se dá nos encontros para os ensaios do grupo. Tais ensaios perduram meses, com três encontros semanais, nos períodos preparatórios para as eliminatórias regionais dos circuitos do FEPART e dos concursos e encontros realizados. Esse contexto fica exposto quando trazemos as falas dos dançarinos.

Os dançarinos, por serem trabalhadores em diversos setores da economia local, recorrem a horários extremamente difíceis para os ensaios. Porém, nas condições e organização social deles, é o momento em que todos estão disponíveis

para a prática da dança e dos ensaios. Seus horários são às sextas-feiras à noite, das 23:00 às 02:00 da manhã, aos sábados e domingos pela manhã.

Mas as condições adversas para os ensaios são compensadas por *“meu amor pela dança, pelos costumes e festivais gaúchos”* (D11). O encontro, *“A convivência com os meus amigos, a conquista de ganhar o FEPART, uma atividade física”* (D11) constituem elementos fundamentais do processo de ancoragem e objetivação das representações sociais de dança tradicional gaúcha, para esses dançarinos. Entre eles se verifica satisfação nesse processo de tornar-se parte de uma cultura maior, através da dança que, para eles, objetiva a cultura gaúcha, *“Gostar da cultura, e gosto muito de dançar acho que é bom aprender”*. *A dançar as músicas tradicionais e a adrenalina de estar no espírito esportivo* (D7).

Não se deve esquecer, entretanto, que outro componente também está presente na objetivação da cultura gaúcha: *“A competição, a amizade, e o gosto pela dança”* (D8). A competição, os *“Resultados positivos”* (D12), a *“vontade de competir”* (D13), certo ressentimento competitivo por *“não ter ganho o FEPART ainda”* (D11) é um sentimento que, embora de forma menos explícita ou intensa, também permeia a representação social de dança tradicional gaúcha desse grupo. Para alguns, como D4, o espírito de competição ajuda *“Sim a evolução foi acentuada visando os concursos e a qualidade da dança”*. Igualmente para D13 a competição dá sentido aos rituais de treino, ensaio e aperfeiçoamento da técnica *“Sim. No início não entendia o que fazia com que um grupo de pessoas ficasse até altas horas da noite ensaiando”*. Para D9, há uma superação e avanços que advêm do desejo em competir, mas que não ameaçam os sentimentos de amizade, de pertença ao grupo e à cultura, *“Não, acredito que os objetivos agora exigem mais tempo e dedicação, mas minha opinião e sentimento continuam os mesmos, o grupo de danças além de ser um lazer é um compromisso que exige disciplina e determinação”*.

Conforme se vê, mesmo agregando a competição à representação social de dança tradicional gaúcha, o que significa uma transformação na representação social, ela mantém o sentimento de amizade como um dos mais relevantes. Eles conseguem aliar, conforme D13, a *“Vontade de competir e estar em um lugar com amigos”*.

#### 4 SAÍDA DE PALCO

Retomando um pouco as discussões, lembramos que a pergunta que norteou a discussão do trabalho na dissertação, quer saber quais as Representações Sociais de dança tradicional gaúcha entre os dançarinos do Grupo de Dança do CTG Recordando os Pagos, de Francisco Beltrão, no Paraná. A partir dessa questão, a pesquisa tem como objetivo compreender as representações sociais de dança para um grupo de pessoas que participam do festival de danças tradicionais gaúchas do estado do Paraná, pelo CTG Recordando os Pagos.

O suporte teórico e metodológico da dissertação é a Representação Social, teoria elaborada por Serge Moscovici. A Representação Social constitui-se no processo de interação entre pessoas (grupo social), no desenvolvimento do conhecimento, por meio de partilhas de ações coletivas. Ela se elabora por meio de uma tríade (grupo, ação, ideias). As ações dos sujeitos no grupo e dos próprios grupos são os elementos transformadores da sociedade.

As representações sociais acontecem de forma dinâmica, ou seja, interativa entre os sujeitos, na cultura em que estão inseridos. A Representação Social é responsável pelo comportamento e atitudes dos indivíduos na coletividade. Os comportamentos são produzidos na realidade do senso comum, criando, assim ligações em comum entre os sujeitos do grupo social.

A relação entre os sujeitos constitui a necessidade de criar e reformular suas representações, por meio da objetivação e ancoragem. A objetivação consiste em atribuir sentido ao objeto, materializá-lo. Este processo se dá por meio de: informações, ideias e crenças. Já a ancoragem é o processo de reconhecimento do objeto, nomeá-lo, familiarizar-se com o mesmo.

A objetivação se dá em três etapas: a primeira consiste na descontextualização, por meio do que já tem construído, a partir do contexto cultural vivenciado; a segunda é a recontextualização, dada por meio das experiências e valores construídos e; por fim, a familiarização (naturalização), processo pelo qual a representação adquire materialidade.

Jodelet (2001) afirma que representações são estruturas estruturadas, ou seja, respostas construídas individualmente, pelos sujeitos do grupo, já constituída, enraizada, abordando as manifestações e tendências do grupo social. Trata-se de uma teoria sobre a construção dos saberes sociais, consolidada pela relação

sujeito/objeto, na construção do conhecimento, constituindo uma racionalidade do saber. Para a abordagem estrutural das Representações Sociais, conforme Jodelet (2001), todas as Representações Sociais estão organizadas em torno de um núcleo Central e dos sistemas periféricos.

O aporte teórico e metodológico das Representações Sociais nos possibilitou transitar em alguns elementos peculiares do processo cultural de grupos sociais do sul do País.

Após os estudos sobre a tradição gaúcha, entendendo o modo de ser do gaúcho, suas formas de organização social e a sua construção cultural, a produção de suas tradições, os interesses políticos e ideológicos que atuaram sobre sua invenção, é possível visualizar as ações dos sujeitos dançarinos do Centro de Tradições Gaúcha Recordando os Pagos de outra perspectiva.

Ao longo do ano de 2013, por também pertencer ao grupo de dança pesquisado, vivenciei momentos importantes para análise das falas dos dançarinos entrevistados. Foram momentos em que eu próprio fazia a ancoragem e a objetivação da Representação Social de dança tradicional gaúcha naquele grupo. A partir das entrevistas tive que tomar certa distância crítica para estabelecer critérios para proceder a análise.

Por ser do grupo, presenciei momentos relevantes, conseguindo entender o processo apresentado aqui, pelas respostas obtidas nas gerações de dados.

No decorrer do ano de 2013 presenciei toda a reestruturação do grupo de dança. Vivenciamos o elemento gerador da mudança, o elemento novamente organizador e estabilizador do grupo. Neste sentido, destaca-se a “amizade”, quando o grupo de dançarinos percebeu-se defasado, ou seja, perdendo alguns integrantes do grupo. Movidos pela amizade e companheirismo, o grupo foi em busca de novos integrantes para a substituição dos que haviam se desligado.

Os novos dançarinos se integraram a partir das amizades que existiam fora do Centro de Tradições Gaúchas. Assim, pude perceber que após essa troca de sujeitos do grupo, o vínculo de amizade se estabeleceu de forma mais expressiva, até mesmo porque os integrantes que permaneciam no grupo precisavam cativar e instigar o gosto pela dança nos novos que entravam.

Podemos compreender, mediante esse contexto, que a amizade é um dos elementos citados como núcleo central, pois foi um dos elementos cruciais para conseguir unir o grupo e consolidar o trabalho feito no elenco de dança.

A partir desse processo ocorreram mudanças nas relações entre os sujeitos do grupo e dos sujeitos para com a dança. Mesmo passando por um momento doloso para o grupo de dançarinos, o amor pela dança tradicional gaúcha prevaleceu.

O sentimento de amor pela dança pode ser notado entre os novos dançarinos. Eles, anterior a isso, apenas tinham ouvido falar da dança. Mas, com a participação no grupo, vivenciaram o processo de ancoragem, o que possibilitou que a dança tradicional gaúcha, algo até então desconhecido, fosse incorporado à sua rede de categorias, permitindo compará-lo com algo que já faz parte desta, realizando-se, assim o processo de objetivação, ou seja, pela execução da dança, ocorre sua materialização, ela se torna algo concretizado.

Compreendendo que o sistema periférico é algo mais acessível e mais vivo na representação e serve para concretizar, regular e prescrever os comportamentos do núcleo central da representação, podemos destacar, nesse sentido, a competição como um elemento periférico. Ela marca a importância para o grupo na participação do Festival Paranaense de Arte e Tradição Gaúcha – FEPART.

Com a troca de parte significativa dos dançarinos, aumentaram em muito as dificuldades para ensinar os novos dançarinos e torná-los aptos a executar uma dança que exige correção coreográfica, interpretação para com cada tipo de dança, na categoria de danças tradicionais, para competir em um festival. As danças tradicionais gaúchas se compõem de quatro ciclos, o ciclo dos fandangos, ciclo das contra danças, ciclo do minueto, do ciclo de pares enlaçados. Cada um destes movimentos exige do dançarino uma execução e interpretação diferenciadas.

Nesse sentido deve-se destacar o empenho do grupo em trabalhar cada vez mais para poder deixar o grupo com estrutura para a competição. A amizade entre os dançarinos e o amor pela dança, malgrado as dificuldades do grupo, se confirmaram durante a competição no festival, o FEPART, 2013, quando o elenco conquistou o 2º lugar, na categoria de Danças Tradicionais Adulto Força A.

O festival é composto por categorias e grupos diferentes, dando incentivo aos iniciantes, que não precisam apresentar todas as danças tradicionais, no festival. Os grupos iniciantes formam a categoria de dança intitulada de “Força B”. Os grupos que participam há mais tempo do festival e que se destacam com a sua evolução na dança tradicional, formam um grupo mais qualificado, intitulado “Força A”. Essa é a categoria em que o grupo adulto do CTG Recordando os Pagos participa, cujos



dançarinos foram entrevistados para a presente pesquisa.

Conforme indicado pela análise, segundo a abordagem estrutural, pode-se concluir que a competição constitui parte do sistema periférico da representação social de dança tradicional gaúcha, no grupo pesquisado, enquanto amor pela dança e amizade entre os dançarinos constitui o núcleo central da representação.

Dessa forma, foi possível compreender, com o amparo da teoria e o método das apresentações sociais, a representação social de dança do grupo pesquisado. Com a pesquisa histórica conheceu-se um pouco mais em relação à dança tradicional gaúcha, o folclore e a tradição. Buscaram-se visões diferenciadas para que houvesse uma compreensão crítica do tema escolhido. Verificou-se também que nos CTGs e nos grupos de dança tradicional gaúcha ocorre um processo de educação não-formal, o que situa a pesquisa na área da Educação.

Alguns elementos chamam a atenção no que se refere à construção conceitual: a vertente da tradição gaúcha e a vertente do folclore gaúcho. As duas visões podem ampliar o entendimento sobre os elementos que formam a cultura gaúcha, constituindo também uma imposição na organização da sociedade nos Pagos do Sul.

Após todos os momentos vivenciados pela pesquisa, pode-se constatar que os valores e referências construídos pelo grupo de dançarinos do CTG Recordando os Pagos são pautados em relações de coesão, tendo o amor e amizade como núcleo central da representação. Mas também na abordagem processual se confirmou esse sentido, ou seja, na ancoragem os dançarinos apontaram o amor e a amizade em relação à dança tradicional gaúcha, enquanto realizam a objetivação da dança tradicional gaúcha na competição.

Para esses dançarinos, o fato de se prepararem para participar de uma competição promove momentos em que vivenciam o respeito entre os integrantes do grupo, alegria por estar juntos construindo, assim, a união por meio da disciplina para chegar bem ao festival e vivenciar, pela dança, a tradição e a cultura gaúcha.

O grupo de dança adulto do CTG Recordando os Pagos cultiva o hábito do uso das roupas características do tradicionalismo gaúcho, (bombacha, vestidos), o apreço pela culinária, o gosto pelo chimarrão, enfatizando a cultura pautada no tradicionalismo, com valores afetivos e competitivos quando se refere à dança tradicional gaúcha.

Por fim, pode-se afirmar que a representação social de danças tradicionais

gaúchas ocorre por meio dos seguintes elementos formadores: sentimentos de amizade, amor e a competição que ocorre nos encontros, nos ensaios, nos festivais estaduais e no nacional.

## REFERÊNCIAS

ABRIC, J-C. A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. MOREIRA E D. C. DE OLIVEIRA (Orgs.) **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998.

\_\_\_\_\_. A abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In P. H. F. CAMPOS E M. C. DA S. LOUREIRO (Orgs.) **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: UCG, 2003.

AFONSO, A. J. Sociologia da educação não-formal: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES, A. J. e STOER, S. R. **A Sociologia na Escola**. Porto: Afrontamento, 1989, p. 83-96.

ARISTÓTELES, **Ética a nicômaco**. Livro VIII § 1159<sup>a</sup>, 35; 1973.

AZEVEDO, S. L. **Danças Tradicionais Gaúchas**. 08 de maio de 2009. Disponível em: <<http://serjaozevedo.blogspot.com.br/2009/05/dancas-tradicionais-gauchas.html>>. Acesso em: 19 de julho de 2012.

BIANCONI, M. L.; CARUSO, F. Educação não-formal. **Cienc. Cult.** [online]. v.57, n.4, p. 20, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDBEN, n. 9.394/96, publicado em 20 de dezembro de 1996.

CAMPOS, E. C. **O catarinense de bombacha**: movimento tradicionalista gaúcho em Santa Catarina (1959-1997). 1999. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis.

CERIBELLI, C. **Dança**: bem-estar e autoconfiança. São Paulo: Escala, 2008.

CORTEZ, P.; LESSA, B. Os primeiros conceitos sobre danças tradicionais gaúchas. In: **Danças**. 13<sup>o</sup> Região Tradicionalista. Disponível em: <<http://www.13rt.com.br>>. Acesso em: 20 de julho de 2012.

CORTELLA, M. S. A contribuição da educação não-formal para a construção da cidadania. In: VON SIMSON, O.R.M. (Org.). **Visões singulares, conversas plurais**. São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2007.

CTG – Centro de Tradições Gaúchas Recordando os Pagos. Ata de Assembléia, ns. 2 e 5, p. 1, 1967.

FALCÃO, A. Museu e escola: educação formal e não-formal. In: **BRASIL**: Coleção Salto para o Futuro, ano XIX, n. 3, ISSN 1982–0283, maio/2009.

FALCÃO, L. F. O separatismo como opção ou o tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina. **Entre ontem e amanhã**: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. São Paulo: USP, 1998.

FLORES, M.S. **Tiaraju**: lenda, mito e história. Porto Alegre: Veritas, 1997.

GOHN, M.G. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999.

GOLIN, T. **Identidades**: questões sobre as representações socioculturais no gauchismo. Passo Fundo: Clio; Méritos, 2004.

HOBBSAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JUSTO, A. M. **Representação social**. Rio do Sul: PROPEX, UNIDAVI, 2012.

JODELET, D. Representação sociais: um domínio em expansão (L. Ulup, Trad.). In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

LEMBERT, S. F. **Abc do tradicionalismo gaúcho**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989.

LESSA, L.C.B. **O valor e o sentido do Tradicionalismo**. A tese-matriz. Porto Alegre. SAMRIG, 1979. Disponível em: <<http://www.paginadogaicho.com.br/barbosalessa>>. Acesso em: 19 de julho de 2012.

MESQUITA, C. M. S; ALMEIDA, D. B. de. Representações sociais: mapeamento conceitual. In: SILVA, N. de M. A. (Org.). **Representações sociais em educação**: determinantes teóricos e pesquisas. Blumenau: edifurb, 2009.

MESTRE, M.; PINOTTI, R. As representações sociais e o inconsciente coletivo: um diálogo entre duas linhas teóricas. **Revista Eletrônica de Psicologia**. n. 04, Curitiba, jul. 2004. Disponível em: <[http://www.utp.br/psico.utp.online/site4/repres\\_sociais.pdf](http://www.utp.br/psico.utp.online/site4/repres_sociais.pdf)>. Acesso em: 24 de julho de 2012.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.

\_\_\_\_\_. **On social representations**. In: FORGAS, J. P. Social Cognition. London: Academic press, 1981.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais**: investigação em psicologia social. 2. ed. Editado em inglês por Gerard Duveen. Traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho.

OSSONA, P. **A educação pela dança**. v. 33, São Paulo: Summs, 1988.

OURIQUE, A. **Dança tradicional**. 3.ed. Ver. e ampl., Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha, MTG, 2010.

PAULA, C.A. *et al.* **Arte**: ensino médio. Secretaria de Educação do Paraná – SEED/Curitiba, 2006.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei n. 12.372, de 16 de novembro de 2005** (publicada no DOE nº 217, de 17 de novembro de 2005) - Reconhece como integrantes do

patrimônio cultural imaterial do Estado, as danças tradicionais gaúchas e respectivas músicas e letras. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/Legis/Arquivos/12.372.pdf>>. Acesso em: 19 de julho de 2012.

SÁ, C. P. de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANTOS, C.B. **Gaúcho**: guardando no peito, carinho e respeito pelo Rio Grande. 29 de abril de 2010. Disponível em: <<http://cantinhogaucho.blogspot.com.br/2010/04/folclore.html>>. Acesso em: 19 de julho de 2012.

SARAIVA, G. **Manual do tradicionalismo**. Porto Alegre: Sulina, 1968.

SERT – Sociedade Esportiva e Recreativa Torino. Ata n. 1, p. 1-2, 1962

SILVA, N. M. A. (Org.). **Representações sociais em educação**: determinantes teóricos e pesquisas. Blumenau: Edifurb, 2009.

SIMON, O.R.M.; PARK, M.B.; FERNANDES, R.S. Educação não-formal: um conceito em movimento. In: SIMON, O.R.M.; PARK, M.B.; FERNANDES, R.S. *et al* (Orgs.). **Visões singulares conversas plurais**: rumos educação cultura e arte 3. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

VAROTTO, D. **Fisicidade e imaginação**: a construção do corpo-mente orgânico do ator. Daniela Varotto. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

TEIXEIRA, P. M. M. A educação científica sob a perspectiva da Pedagogia Histórico-crítica e do Movimento C.T.S. no ensino de ciências. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 177-190, 2003.

UNESCO. **Declaração mundial sobre educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. Aprovada pela Conferência Mundial sobre educação para todos. Jomtien, Tailândia, 1990. Disponível em: <[http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/Declaracao\\_Jomtien.pdf](http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/Declaracao_Jomtien.pdf)>. Acesso em: 12 de julho de 2012.